UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA

MARIANA DE ALBUQUERQUE VILARIM

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS ENQUANTO TEMA: aulas e debates com estudantes de uma escola pública do Recife - PE

RECIFE
2022

MARIANA DE ALBUQUERQUE VILARIM

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS ENQUANTO TEMA: aulas e debates com estudantes de uma escola pública do Recife - PE

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Francisco Kennedy Silva dos Santos

RECIFE
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vilarim, Mariana de Albuquerque .
AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS ENQUANTO TEMA: aulas e debates com estudantes de uma escola pública do Recife - PE / Mariana de Albuquerque Vilarim. - Recife, 2022.
59 : il., tab.

Orientador(a): Francisco Kennedy Silva dos Santos
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2022.

1. Migração internacional. 2. Geografia escolar. 3. Relato de Experiência . 4. Conteúdo pedagógico-geográfico. I. Santos, Francisco Kennedy Silva dos. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

MARIANA DE ALBUQUERQUE VILARIM

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS ENQUANTO TEMA: aulas e debates com estudantes de uma escola pública do Recife - PE

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 23/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Francisco Kennedy Silva dos Santos

_____

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic

_____

Prof. Dr. Otávio Augusto Alves dos Santos

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho caminha *pari passu* à elaboração de uma segunda pesquisa que tem o conteúdo migratório em análise, porém voltado à investigação da presença da comunidade sínica na cidade do Recife – PE. De certa forma, ele é um reflexo de leituras realizadas para responder às questões da pesquisa primeira, mas, também, é fruto de análises e observações advindas do contato com turmas do Ensino Médio de uma escola estadual do Recife – PE.

Destaca-se que a oportunidade de cursar a Licenciatura, iniciada em 2018, conferiu certa maleabilidade a quem escreve, outro senso político combinado com um pensamento mais crítico em torno da sociedade brasileira e seus entraves ao chamado desenvolvimento. Seu papel é o de transformar não só quem a cursa, mas quem a vivencia em sala de aula, seja na condição de professora/professor ou na de estagiária/estagiário. A Licenciatura é transformadora e seus matizes são infindos, espero fazer jus.

Mas sigamos ao que interessa, a única sessão, mesmo que opcional, de um Trabalho de Conclusão de Curso, cujo o título é acrescido pelo plural. Por isso, que assim o seja.

Aos meus e às minhas, colegas de turma maravilhosos que vivem muitas das aflições que a academia nos obriga a passar, como num exercício de pura resistência, dos quais alguns abriram mão.

À minha família que, de uma forma ou de outra, e, contraditoriamente, de todas as formas, se faz presente e, por isso, também resiste às aflições acadêmicas que compartilho.

À minha amiga querida, Natali Lacerda, que despendeu tempo e atenção na revisão deste trabalho.

Ao Migra, o Núcleo de Migrações, Mobilidades e Gestão Contemporânea de Pessoas, grupo do qual faço parte e é encabeçado por duas professoras e um professor que fogem à regra, Bertrand Cozic, Carolina Leite e Sofia Zanforlin, em ordem alfabética. Assim como, aos colegas que insistem em contrapor a pretensa competição acadêmica com partilha e escuta.

Ao professor Almir Alves que conheci quando cursava o Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 4, no EREM Jornalista Trajano Chacon. Enquanto tutor, o professor foi sincero e generoso, compartilhando as angústias da profissão, assim como suas qualidades. Para além da função de tutor, o professor Almir também foi o responsável por conceder tempo e espaço em suas aulas para a concretização da proposta deste trabalho, ou seja, ministrar aulas, desta vez, no EREM Martins Junior. Então, a ele, o agradecimento é duplo.

Às e aos estudantes do Primeiro ano do EREM Martins Junior, porque, sem eles, não haveria trabalho, não haveria análise a ser tecida, tampouco, haveria experiência a ser retratada.

À professora Priscylla Karoline Menezes e ao professor Francisco Kennedy Silva dos Santos, que se dispuseram a contribuir ativamente para a elaboração deste TCC. A professora Priscylla iniciou a orientação que foi concluída pelo professor Kennedy. Sem os dois, provavelmente, estaria em maus lençóis agora.

A HISTÓRIA QUE PODERIA TER SIDO

Cristóvão Colombo não conseguiu descobrir a América, porque não tinha visto e muito menos passaporte.

Pedro Álvares Cabral foi proibido de desembarcar no Brasil, porque podia contagiar de varíola, de sarampo, de gripe e outras pestes desconhecidas no país.

Hernan Cortez e Francisco Pizarro ficaram na vontade de conquistar o México e o Peru, porque não tinham licença para trabalhar.

Pedro de Alvarado bateu na Guatemala e voltou, sem entrar, e Pedro de Valdivia não conseguiu pisar terra do Chile, porque não tinha atestado policial de nada-consta.

Os peregrinos de Mayflower foram devolvidos ao mar, porque na costa de Massachusetts não havia vagas de imigração disponíveis.

(GALEANO, 2004, p. 214)

RESUMO

Migrações são fenômenos sociais tão antigos, quanto qualquer forma de sociabilidade que as coletividades se depararam e se deparam, ainda hoje, e, por isso, são constituintes da própria sociabilidade. Simultaneamente a ela se desenvolveu o comércio, a gastronomia, as artes, as ciências; se desbravaram territórios; se comungaram línguas e costumes. Não há exagero em dizer que as migrações atravessam a História da Humanidade, tampouco que sua importância política, cultural, econômica, além de sua intensidade crescente, não sejam fundamentais à compreensão de processos sócio-históricos e geográficos contemporâneos. O tema incita inúmeras discussões em torno de panoramas sociais complexos, como as guerras, as crises alimentares e ambientais, os diferentes processos de contenção territorial, dentre outros, por isso, não pode escapar ao debate escolar. Dessa forma, o objetivo deste trabalho consiste em abordar as migrações internacionais, enquanto conteúdo pedagógico-geográfico, voltado aos estudantes do Ensino Médio. Apresenta análises e reflexões em torno da temática migratória, além de compreender um Relato de Experiência acerca da confecção e, posterior, aplicação de aulas no EREM Martins Junior, em Recife – PE, e análises do material produzido pelo alunato.

Palavras-chave: Migração internacional; Conteúdo pedagógico-geográfico; Ensino Médio; Relato de experiência;

ABSTRACT

Migrations are social phenomena as old as any other form of sociability in which communities have encountered and still experience today, and therefore are part of sociability itself. Trade, gastronomy, arts and science have all been developed parallel to migrations; exploration of territories; exchange of language and culture. It is evident that migrations have occurred throughout the History of Humankind, and so is its importance in understanding contemporary socio-historical and geographic processes due to its political, cultural and economic impact, as well as growing intensity. This subject prompts many discussions around complex social aspects, such as war, environmental and food crises, the different processes of territorial containment, among others, and thus is paramount to the school debate. The objective of this work is to address international migrations as pedagogical-geographical content targeted at secondary school students. It presents analyses and reflection on the theme of migration, along with a study of an Experience Report about preparation and later teaching at EREM Martins Junior, in Recife-PE, as well as analyses of the work performed by the students.

Key-Words: International migrations; Pedagogical-geographic content; Secondary school; Experience Report;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Milhares de centro-americanos alcançam a cidade de Tapachula. México. 2021 24
FIGURA 02 – Campo de refugiado de Dadaab. Quênia. 2017. 25
FIGURA 03 – Campo de refugiado de Zaatari. Jordânia. 2012. 26
FIGURA 04 – Muro na divisa dos Estados Unidos e do México. Estados Unidos/México. s/d. 27
FIGURA 05 – Mapa de localização da EREM Martins Junior. Recife – PE. 2022. 29
FIGURA 06 – Resposta à Questão 01. Soluções que poderiam ser adotadas pelo Brasil para melhor receber os refugiados. Elaborada pelo Estudante 01. 2022. 44
FIGURA 07 – Venezuelanas e brasileiras grafitam muro em Roraima. 2017. 51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: Elementos de análise e compreensões contemporâneas 15

1.1 ALGUNS APORTES SOBRE OS ESTUDOS EM MIGRAÇÃO 15

1.2 MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: MOVIMENTOS, COMPLEXIDADES E DIVERSIDADES 19

2. VIVÊNCIAS NO EREM MARTINS JUNIOR: Descrições e análises 29

2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA 30

2.2 DIÁRIOS DE CLASSE 35

2.3 ANÁLISES DAS ATIVIDADES 41

2.3.1 Questão 1 – Quais as soluções que o Brasil poderia adotar para melhor receber os refugiados? 41

2.3.2 Questão 2 – Escreva uma carta como se você fosse um refugiado e estivesse se comunicando com algum ente querido 46

CONCLUSÃO 52

REFERÊNCIAS 55

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre as migrações, em especial, as internacionais. Migrar é decidir encarar o novo, seja por questões relacionadas ao espírito ou ao estômago (GONZALEZ; BASTOS, 1980). Mas não só, migrar, para alguns, é condição necessária à sobrevivência. Há formas e mais formas de migrar, causas simples e complexas. Rogério Haesbaert (2009) escreve que há tantos processos migratórios, quanto migrantes que os empreendem.

Pensar/analisar/buscar compreender ou alcançar, minimamente, o complexo quadro migratório contemporâneo, aqui e acolá, é o que motiva a confecção deste escrito, a partir da apreensão de sua temática. Migração é assunto recorrente em trabalhos prévios, foi abordado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção de título no Bacharelado em Ciências Geográficas, em 2010; conduziu análises na Dissertação em Geografia, concluída em 2016; e é parte fundamental da Tese de doutoramento que está em fase de produção.

Tratar o tema junto a estudantes do Ensino Médio (EM) de uma escola pública do Recife, na condição de professora, parecia ser um caminho natural, quando se fez necessário pensar sobre um novo TCC, desta vez, para obtenção do título no curso de Licenciatura. Outra Geografia se apresentava nesse momento, a escolar, e, com ela, advinha seus desafios próprios. Fazia-se fundamental pensar o tema, de acordo com os interlocutores, selecionar eventos, refletir sobre as formas de apresentá-lo, instigando debates e diálogos.

Nesse sentido, as experiências em sala de aula, na condição de estagiária da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Jornalista Trajano Chacon, sob orientação do professor Almir Alves, foram bastante profícuas. Em primeiro lugar, reintroduziu o ambiente escolar em seu cotidiano, fazendo emergir uma memória não tão vívida e conferindo novos contextos e sentidos. Em segundo lugar, a necessidade de ministrar aulas, requisito obrigatório do Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 4, permitiu a elaboração e a aplicação destas, tendo a temática migratória como norte, em acordo com o professor tutor.

O desafio para o presente trabalho era, então, melhorar e incrementar as aulas, levando em consideração a experiência anterior, além de discussões

acadêmicas junto a colegas e professores. O problema de pesquisa consistia em responder à questão: Como trabalhar o temário das migrações internacionais em turmas do Ensino Médio? Assim, se instituiu como objetivo geral deste TCC: abordar as migrações internacionais, enquanto conteúdo pedagógico-geográfico, voltado aos estudantes do Ensino Médio.

Perante os objetivos específicos, buscou-se:

- Tratar do temário migratório internacional à luz do panorama contemporâneo, junto a turmas do Primeiro ano do EM;
- Discutir a emergência migratória e suas implicações políticas, econômicas e sociais;
- Observar diversas configurações migratórias e suas implicações perante as sociedades emissoras e receptoras, assim como, a relação entre o Eu (autóctone) e o Outro (estrangeiro);
- Destacar o papel do Brasil, enquanto país receptor de migrantes diversos e em situação de refúgio.

Para responder a tais endereçamentos, este trabalho é composto por dois capítulos. O capítulo 1, intitulado *Migrações internacionais: elementos de análises e compreensões contemporâneas*, é dividido em duas seções. A primeira retrata dizeres em torno dos estudos populacionais, tendo em observância às migrações internacionais, nas áreas da Geografia, Demografia e Sociologia. São acionados pesquisadores diversos, como Ravenstein (1980), George (1993), Massey *et al*. (1993), Haesbaert (1999), Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), dentre outros. Em sua segunda seção, são apresentados os conceitos de migração e migrante, de acordo com o Glossário sobre Migrações Internacionais (OIM, 2009), os montantes migratórios (OIM, 2000; 2022) e são destacados eventos vigentes, sob categorizações específicas, abarcando migrações econômicas, deslocamentos motivados por crises alimentares, crises político-econômicas, a condição de refúgio, formas de contenção territorial, dos quais são exemplos os campos de refugiados e a securitização das fronteiras, dentre outros.

Já no segundo capítulo, *Vivências no EREM Martins Junior: descrições e análises*, são privilegiados os momentos prévios e posteriores à prática docente que tomou forma no EREM Martins Junior, situado na zona norte do Recife, onde foram

lecionadas oito aulas, duas para cada turma do Primeiro ano. Este capítulo é subdividido em três partes. A primeira discorre sobre o Relato de Experiência, trazendo considerações acerca do desafio de confeccionar o Plano de Aula e aplicá-lo. A segunda apresenta os Diários de Classe construídos para as quatro turmas. E, por fim, analisa as atividades sugeridas ao alunato, ao fim de cada aula.

Dessa forma, como procedimento, foi realizado levantamento bibliográfico sobre as migrações internacionais, a metodologia do Relato de Experiências e a Geografia escolar. Para a construção do Plano de Aula foi levado em consideração tal levantamento, além das vivências anteriores trabalhando com o tema. Já as etapas para a análise do material desenvolvido pelo alunato, foi feita a partir da separação deste material em dois grupos, o primeiro referente à questão 1 e o segundo à questão 2. Em cada grupo, se buscou destacar as respostas que comungavam de uma mesma perspectiva, oferecendo uma análise geral; além disso, foram apresentados textos integrais das/dos estudantes, fornecendo subsídios às investigações. Nesse sentido, a obtenção do material e seu exame se enquadram numa tipologia qualitativa.

1. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: Elementos de análises e compreensões contemporâneas

As migrações internacionais têm se destacado atualmente, devido ao montante, cada vez mais expressivo, de pessoas que se deslocam pelo mundo. As razões pelas quais acontecem são as mais variadas, englobam expectativas de melhoria de vida, a busca por trabalhos, guerras, fomes, catástrofes ambientais, dentre outras.

Este capítulo tem como intuito refletir em torno destes deslocamentos. Por isso, alicerça-se em uma discussão teórica sobre o tema, apresentando distintas perspectivas analíticas e, também, discorre sobre eventos migratórios atuais. Por fim, destaca que o temário migratório oferece importantes elementos que podem ser explorados em sala de aula, junto a turmas do Ensino Médio.

1.1 ALGUNS APORTES SOBRE OS ESTUDOS EM MIGRAÇÃO

Os estudos populacionais cambiaram bastante com o passar dos tempos. Durante o período após a Segunda Grande Guerra, a preocupação dos demógrafos, assim como dos geógrafos, cujo interesse centrava-se na compreensão das diferentes formas de interação entre as coletividades e o meio, pautou a distribuição da população sobre a Terra. As questões combinavam pesquisas sobre a concentração populacional em determinadas regiões, em contraponto às extensões de vazios demográficos; o crescimento populacional acelerado; e o desenvolvimento desigual que atingia os diferentes países.

As pesquisas em migração no campo da Geografia e, mais especificamente, no campo da Geografia da População, a encaravam, muitas vezes, a partir de classificações que abarcavam eventos episódicos, tais como as transferências populacionais impostas por questões políticas; os deslocamentos que aconteciam na esteira das grandes migrações de povoamento do século XIX e início do XX; e aquelas que eram apreendidas sob sua durabilidade, se prolongando por mais ou menos tempo, da qual eram tributários os migrantes que cruzavam fronteiras

internas ou internacionais com o intuito de trabalhar (GEORGE, 1991). Nesse momento analítico, a distância percorrida pelo migrante tendia a indicar o caráter permanente ou temporário da deslocação. Assim, se a migração acontecia a longas distâncias, como aquelas intercontinentais, havia uma propensão para que ela fosse permanente; caso a distância fosse menor, havia maior probabilidade de retorno, devido aos menores custos com a viagem, assim como, ao tempo necessário para fazê-la.

Dois elementos ganharam destaque nas análises geográficas concernentes à migração, especialmente a partir dos anos de 1960 e de 1970. Um deles versava sobre os processos de assimilação à cultura da nação receptora, isto é, quando o estrangeiro vai adquirindo hábitos culturais, gastronômicos, linguísticos, dentre outros, do país onde passa a residir. Nesse sentido, quanto mais profundas fossem as diferenças existentes entre a cultura do país de origem e a do receptor, mais difícil seria o processo de assimilação (BEAUJEU-GARNIER, 1972). Hoje, contudo, a perspectiva assimilacionista já não encontra espaço na discussão acadêmica, tendo sido substituída por perspectivas que abordam a diversidade e a multiculturalidade migratória. O outro elemento em destaque se apoiava em torno dos deslocamentos voltados ao trabalho, segundo Pierre George (1991, p.104 - 105):

> A solução mais simples para o emprego (...) é o recurso a uma imigração temporária de trabalhadores. Trata-se de apelar para homens, cuja força de trabalho se ache no apogeu, e que só devem permanecer no local durante um pequeno número de anos. (...) Os países fornecedores de mão-de-obra encontram nessa migração um fator de alívio do seu próprio mercado de emprego e uma fonte de rendas suplementares. (...) Efetivamente, os migrantes são trabalhadores não especializados, e por isso mesmo procurados pelas economias mais evoluídas cujas populações não aceitam os trabalhos ingratos e mal remunerados.

As relações entre trabalho e migração também ocuparam grande espaço nos estudos decorrentes da Demografia que repercutiram, posteriormente, nas análises sociológicas. O pioneirismo de E. G. Ravenstein que, em 1885, publicou *As leis da migração*, a partir da análise do Censo Demográfico britânico de 1881, foi um importante marco. Nele, foi referenciado o caráter seletivo dos deslocamentos, o papel de atração que as cidades desenvolvem perante o campo, a existência de correntes migratórias principais que produzem correntes inversas compensatórias, dentre outros (RAVENSTEIN, 1980). Para o autor, a migração encontrava correspondência em fatores econômicos, assim, fosse a tributação onerosa, o clima

insalubre ou os deslocamentos coercitivos, nenhuma impulsão era mais representativa do que o desejo inerente de melhoria de vida (LEE, 1980).

Já final dos anos de 1960, M. P. Todaro concebeu um modelo analítico para a compreensão da migração rural-urbana, aportada em duas variáveis principais: "(...) 1) ao diferencial urbano-rural de renda real; 2) à probabilidade de obtenção de um emprego urbano" (TODARO, 1980, p. 153). A corrente analítica da qual Todaro era expoente, a Teoria Neoclássica, talvez seja uma das mais antigas e mais conhecidas que trata da migração internacional, como elemento explicativo dos deslocamentos laborais, no processo de desenvolvimento econômico (MASSEY *et. al*., 1993). Nesta Teoria, o migrante é visto como um indivíduo que calcula os prós e os contras do deslocamento e, a partir de uma racionalidade econômica, o empreende.

A migração, como fenômeno social, ganha espaço a partir dos anos de 1970, com a corrente histórico-estruturalista, cujo importante teórico é Paul Singer (1980). Nela, os contextos histórico-geográficos ganham destaque, criando espaço para análises dos grupos e das classes sociais. Segundo Póvoa Neto (1997, p. 17):

> Se a concepção anterior colocava toda a ênfase na decisão soberana do indivíduo inserido na dinâmica do mercado capitalista, o que se tem agora é a análise de grupos e classes sociais a sofrer a força de estruturas sociais que explicam a maior ou menor propensão para a migração.

Uma terceira corrente, também dos anos de 1970 e que comunga da guinada das perspectivas críticas nas Ciências Sociais, é a da mobilidade do trabalho, definida por J. P. Gaudemar, na qual a migração passa a ser entendida vis-à-vis às desigualdades inerentes ao capitalismo. Assim, a migração da/do trabalhadora/trabalhador, aquele sujeito livre e responsável pelo seu destino econômico, passa a ser contraposta à necessidade de migrar visando a simples reprodução social. Isto é, não se trata mais da busca pela melhoria da condição material de vida, nem do diferencial da renda real entre o ponto A e o ponto B, compreende-se, então que: "(...) a mobilidade do trabalho é a dimensão econômica mais geral da docilidade dos corpos dos trabalhadores" (GAUDEMAR, 1977, p.53).

Douglas Massey, em pesquisa realizada com demais autores (1993), observa diversas perspectivas teóricas acerca da migração, dentre as quais, se podem destacar: (a) a Teoria do Mercado de Trabalho Dual, onde a migração atrela-se intimamente às demandas de trabalho nas sociedades industriais modernas,

havendo uma crônica e inevitável necessidade de mão de obra estrangeira nos países de economia mais avançada; (b) a Teoria do Sistema Global ou do Sistema-Mundo (*World Systems Theory*) que se pauta sobre a concepção de Immanuel Wallerstein, onde a penetração das relações capitalistas na periferia do sistema cria uma mobilidade populacional que propicia a migração internacional; e (c) a Teoria das Redes, na qual as redes migratórias conectam migrantes, possíveis migrantes e não migrantes nos locais de origem e de destino, através de laços de parentesco, amizade e origem, aumentando a probabilidade de deslocamentos internacionais, porque diminuem os custos e os riscos migratórios e aumenta a probabilidade de ganhos.

No campo da Geografia, destacam-se algumas concepções mais contemporâneas em torno do pensar migratório. C. Raffestin (1993), por exemplo, abarca o lado territorial e político. Para ele, a população é, ao mesmo tempo, um trunfo do poder e um entrave ao jogo relacional. Assim, o enfoque é dado ao controle e a gestão dos fluxos migratórios, internos e externos, que, por sua vez, não são atributos únicos do Estado, mas de múltiplos grupos em seu interior que vão adotar diferentes estratégias para fomentar ou diminuir os deslocamentos.

Já Saquet e Mondardo (2008), compreendem a migração sob a perspectiva do território articulado em rede, onde as migrações seriam experiências que estariam integradas no espaço, sendo possível quando os migrantes articulam-se em rede, através de múltiplas relações que vão desde o local até o global. Outro elemento importante na análise dos autores advém da tríade territorialização, desterritorialização e reterritorialização, T-D-R. Para eles:

> Portanto, a desterritorialização implica reterritorialização na mobilidade da força de trabalho em outro território através de processos econômicos, políticos e culturais que se processam através das redes de relações entre os migrantes e não-migrantes do território de origem (SAQUET; MONDARDO, 2008, P.122).

A T-D-R também é um importante componente nas análises de Rogério Haesbaert (2009), para quem a migração pode ser compreendida como um processo que engloba diferentes níveis de des-reterritorialização que são percebidos de maneiras distintas pelos migrantes. Tal diferenciação relaciona-se (a) às classes socioeconômicas e aos grupos culturais dos migrantes e (b) aos níveis de desvinculação com o território no sentido de (b1) haver a presença de uma base física estável, incluindo o acesso a serviços e infra-estrutura, (b2) haver acesso aos

direitos de cidadania e (b3) a manutenção de uma identidade sociocultural através de espaços específicos, onde o migrante possa reproduzir os seus ritos ou onde haja a existência de referenciais simbólicos para a “reinvenção” da identidade.

Há, também, a elaboração de estudos com enfoques existencial-fenomenológicos, como é o caso das análises elaboradas por Marandola Jr. e Dal Gallo (2010). Tal perspectiva aporta-se na concepção de modernidade líquida, nos novos nomadismos e nas definições das identidades culturais. Assim, os autores buscam a compreensão do que é ser migrante na experiência da migração, por isso, questionam o significado, para a constituição do Eu e da identidade, do rompimento com o “ser-lugar” natal, isto é, com o local de origem.

As diversas possibilidades oferecidas por correntes teóricas, em distintos campos do conhecimento, frente à análise do fenômeno migratório, desvelam, sobretudo, a urgência que o próprio fenômeno vem adquirindo na contemporaneidade, seja a partir da sua complexidade, da sua crescente intensidade ou da imbricação de aspectos materiais e subjetivos que emanam à migração. Discorrer sobre o tema se coloca como um desafio particular que independe do(s) deslocamento(s) observado(s). Sua análise, seja no campo do indivíduo, da unidade familiar, do grupo de migrantes ou do sujeito, do enfoque econômico, político ou humanitário, é uma investigação social que recai sobre experiências reais que se multiplicam dia após dia.

Refletir em torno das migrações e analisá-las é, hoje, um fator *sine qua non* para a compreensão de quaisquer processos sócio-históricos e geográficos. Não há mais como pensar o mundo sem problematizar as migrações e suas questões. Elas entrecruzam o campo da política, da economia, da cultura, da língua; das guerras, das fomes, das desigualdades sociais; questionam os diferentes níveis de mobilidade que são impostos aos migrantes, numa sociedade fortemente conectada, dentre outros. Sendo, por isso, um importante tema a ser debatido em ambientes escolares e acadêmicos.

1.2 MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: MOVIMENTOS, COMPLEXIDADES E DIVERSIDADES

As migrações, em especial as internacionais, têm sido um assunto bastante recorrente na contemporaneidade, sendo objeto de inúmeras matérias jornalísticas, campo de discussões e pesquisas acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento, além de figurar como um importante assunto nas agendas políticas dos países e organismos internacionais. Apesar do destaque com que o tema tem sido abordado, vale ressaltar que o fenômeno migratório é tão antigo quanto à própria sociabilidade, mais antigo do que os primeiros aglomerados humanos, quando o homem, o chamado sujeito universal, precisava se deslocar em busca de alimento ou para lugares mais quentes, quando o inverno chegava. Mediando a experiência humana como um todo, a migração caminhou simultaneamente e de maneira imbricada ao desenvolvimento do comércio, da navegação, da gastronomia, do conhecimento, da formação das cidades e dos Estados etc. É, por isso, um movimento e um momento de contato entre o Eu e o Outro.

Há várias formas de conceber tais processos de deslocamento humano sobre a Terra, o léxico afirma ser um movimento de pessoas ou de um grande número de pessoas que se encaminham para um país diferente ou para outras regiões dentro do próprio país (MICHAELIS, s/d). O Glossário sobre Migrações, publicação especializada no tema, produzida pela Organização Internacional sobre as Migrações (OIM), braço da Organização das Nações Unidas (ONU) para a questão, a define como o:

> Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos (OIM, 2009, p.40).

Dessa definição inicial decorrem outras dezoito que vão fazer alusão a diversidade dos deslocamentos, tais como: migração assistida – circulação que conta com apoio de governo(s) ou de organização internacional; migração clandestina – secreta ou encoberta que viola as exigências em matéria de migração; migração de retorno – indica o regresso do migrante ao país de origem ou residência habitual; migração espontânea – onde o sujeito ou grupo de sujeitos migra sem ajuda externa; e migração irregular – quando ocorre fora do âmbito regulador dos países de envio, trânsito e destino.

Além dos significados conferidos às migrações, o Glossário também apresenta o conceito de migrante que compreende os casos onde a decisão de

migrar é tomada de maneira livre pelo indivíduo, abrangendo pessoas ou grupos de pessoas que se transferem de localidade com o objetivo de melhorar suas condições materiais, sociais e possibilidades (OIM, 2009). Ressalta, no entanto, que não existe uma definição universal em torno deste ou destes sujeitos. Assim como acontece com o termo migração, o documento complementa o conceito com dezesseis possibilidades de classificação, entre elas: migrante ambiental – quando a necessidade de se deslocar decorre de alterações ambientais; migrantes com fins de instalação – quando foi concedida a autorização de entrada há longo período de tempo, possibilitando que sejam exercidos os direitos econômicos, sociais e políticos; migrante econômico – que tem como objetivo melhorar de vida; e migrante com laços ancestrais – quando é admitido no país devido aos seus laços históricos e étnicos com aquele lugar.

As possibilidades de apreensão dos conceitos de migração e de migrante se justificam tanto pela expressão que o fenômeno tem adquirido ao longo dos anos, em termos quantitativos, quanto pela complexidade e diversidade, cada vez maior, dos motivos que levam as pessoas a se deslocarem. Além, claro, de ser um fato social, algo que atravessa, muitas vezes, o cotidiano dos autóctones, conferindo novas faces ao contexto social.

A crescente intensidade do fenômeno migratório mundial vem sendo atestada pela Organização Internacional para as Migrações que, no ano de 2000, publicou o primeiro *World Migration Report*, cujo prefácio anunciava: "*Today, it is estimated that there are more migrants in the world than ever before*" (OIM, 2000, p. VII). À época, a OIM contabilizava 150 milhões de migrantes. Doze edições depois, com o lançamento do relatório de 2022, somam-se 281 milhões, para o ano de 2020 (OIM, 2022), um acréscimo de 46,7%. Desse total, 89.4 milhões de pessoas foram deslocadas, o que inclui os refugiados, os solicitantes de asilo e os deslocados internamente, seja por conflitos ou desastres. Contudo, a maior parte dos migrantes, isto é, dois terços do montante total, é composta por pessoas que deixavam o seu país de nascimento em busca de inserção laboral nas comunidades receptoras.

Parece haver uma emergência migratória que se intensifica ano após ano. E, também, uma questão migratória que conecta diferentes lugares do mundo, conjugando línguas, costumes, religiões, etnias com questões políticas, econômicas e humanitárias. O pluralismo com que o fenômeno pode ser analisado, tendo em

vista questões pessoais e coletivas, subjetivas e materiais, faz com que o temário possa ser compreendido à luz de recortes diversos e que, de maneira transversal, sirva para a reflexão de eventos mundiais e localizados, pensando suas implicações sócio-históricas e geográficas.

Sob essa explanação, a migração parece ser um tema que, quando aplicado em sala de aula para estudantes do Ensino Básico, pode seguir caminhos tão diversos, quanto possibilite a imaginação compromissada daquela/daquele que se propõe a encará-la enquanto conteúdo pedagógico. Incorrendo na possibilidade de, ao destacar determinados deslocamentos e suas implicações, ofuscar outros, vale sublinhar alguns exemplos de como o olhar, perante a diversidade migratória, pode contribuir com o entendimento de processos e fenômenos complexos, como as guerras, os desastres ambientais, as contenções territoriais, dentre outros.

À luz da migração se pode debruçar sobre assuntos como as Guerras do [1]Iêmen, da Síria[2], do Sudão do Sul[3] ou da Russo-Ucraniana[4] que provocam o deslocamento de milhões de refugiados; pode-se, também, tratar das especificidades do Pós-Guerra, como é o caso da saída dos Estados Unidos do Afeganistão[5] e da retomada do Talibã ao poder; ou, ainda, tratar dos artifícios

[1] O conflito teve início em 2014, quando rebeldes xiitas, os houthis, se insurgiram contra as forças do governo, provocando, em janeiro de 2015, a renúncia do presidente Abd-Rabbu Mansour Hadi. Logo em seguida, foi criada uma coalizão militar, liderada pela Arábia Saudita, para atacar os grupos rebeldes, apoiados pelo Irã, conseguindo reinstituir o presidente Hadi, o que não foi suficiente para arrefecer a crise (AMÂNCIO, 2021). A ONU (ONU, 2021) considerou a situação no Iêmen como a maior crise humanitária do mundo, há cerca de 3.6 milhões de deslocados internamente (OIM, 2022).

[2] Em março de 2011, manifestações pró-democracia insurgiram no sul do país e foram repreendidas fortemente pelo governo de Bashar al-Assad. A escalada da violência governamental e a resistência dos opositores culminaram na guerra civil e no envolvimento de nações estrangeiras que passaram a enviar dinheiro, armamento e combatentes (BBC NEWS BRASIL, 2021). Atualmente, há cerca de 8 milhões de sírios vivendo no estrangeiro, 6,7 milhões são refugiados (OIM, 2022).

[3] O Sudão do Sul é o país mais recente do mundo, sua independência data de 2011. Em dezembro de 2013 deu-se início a uma guerra civil que colocava em oposição o presidente do país, Salva Kiir, da etnia dinka, e o vice-presidente Riek Machar, da etnia Nuer (OCI, 2021). Em 2018 foi assinado um acordo de paz entre tais líderes. No entanto, ainda há conflito armado com grupos minoritários, mantendo a violência elevada, Há, também, crise econômica e expressiva insegurança alimentar e desnutrição (PORTAL G1, 2021). Os sul-sudaneses formam a terceira população de refugiados mais expressiva do mundo (OIM, 2022).

[4] O conflito teve início em fevereiro de 2022 com a invasão russa do território ucraniano, situado a leste da fronteira e, também, a partir de bombardeios na capital, Kiev. A guerra, em andamento, tem gerado importantes deslocamentos, segundo o ACNUR (2022), foram registradas 7,3 milhões de passagens na fronteira saindo da Ucrânia e 2,3 milhões de passagens de retorno ao país.

[5] Após 20 anos de presença estadunidense em território afegão, os EUA deixaram o país em 30 de agosto de 2021, evacuando cerca de 120 mil pessoas. A retomada do Talibã ao poder, grupo fundamentalista, tende a elevar o número de afegãos refugiados que já somam 2,2 milhões (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

usados por Aleksandr Lukashenko, então presidente de Belarus[6], que gerou uma crise migratória na fronteira com a Polônia para pressionar a União Europeia a acabar com as sanções imputadas ao país, devido aos eventos contestatórios ocorridos durante o período eleitoral de 2020.

Da mesma forma, pode-se atentar para a crise de alimentos que atinge sistematicamente os países do Chifre africano e, em especial, a Somália ou propor reflexões sobre os desastres ambientais, como o terremoto que atingiu o Haiti em 2010 e, novamente, em 2021; pensando a migração interna, poder-se-ia ter como exemplo a catástrofe ambiental – provocada pelo rompimento de uma barragem da empresa Vale – que assolou a cidade de Brumadinho, no Estado de Minas Gerais, no ano de 2019.

Um olhar perante as desigualdades sociais e a violência urbana, como elemento que impulsiona as migrações, poderia ser sustentado a partir da análise das caravanas de centro-americanos que aconteceram, de forma mais expressiva, no ano de 2018, sentido a fronteira sul dos Estados Unidos. Partindo de Honduras, um dos países mais violentos do mundo, as caravanas compostas por contingentes próximos a 500 pessoas, vão sendo engordadas ao longo do caminho por salvadorenhos e guatemaltecos, comportando milhares de pessoas quando alcançam a cidade de Tijuana, fronteira México - Estados Unidos, como se observa na foto abaixo extraída da matéria do El País, Todo o caminho da caravana migrante rumo aos Estados Unidos: 30 fotos, datada de 30 de novembro de 2018.

[6] O país deixou de exigir visto ou simplificou o processo de entrada para 76 nações, algumas das quais afetadas por graves conflitos, como a Síria, o Iraque e o Iêmen. Tal fato provocou a migração de milhares de pessoas para Belarus, contudo, Belarus não é o local de destino almejado. Lá, os migrantes são encaminhados para as fronteiras com a Polônia e com a Lituânia, o que fez com que ambos os países aumentassem a vigilância na região. O objetivo dos migrantes é alcançar a Alemanha, a Holanda, a França e a Áustria (BBC NEWS MUNDO, 2021).

FIGURA 01: MILHARES DE CENTRO-AMERICANOS ALCANÇAM A CIDADE DE TAPACHULA. MÉXICO, 2021.

Fonte: Fotógrafo Héctor Guerrero, 2018, para o El País. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/28/album/1543421309_815162.html#foto_gal_1>. Acessado em 02 out. 2022.

Podem-se abarcar, também, questões que envolvem as grandes obras, como as que aconteceram durante os governos encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fomentadas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), responsáveis pela construção de diversas obras de infraestrutura que, por sua vez, atraíram migrantes interessados em se inserirem laboralmente. Ou, ainda, os grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016, que, para além de atraírem trabalhadores diversos, foram responsáveis pelo deslocamento compulsório de milhares de cidadãos país afora.

As migrações associadas ao trabalho – aquelas que a OIM anunciou como a que mais move pessoas ao redor do mundo – também são uma fonte diversa para a compreensão de contextos, em diferentes escalas. O olhar da/do professora/professor pode se expandir pensando desde as mudanças no mundo do trabalho, onde ora o migrante é bem-vindo, quando se volta a exercer funções mal

remuneradas que ao nativo não interessa, ora é visto como uma ameaça que toma os empregos dos nacionais; às particularidades que conectam diferentes cidades e países, como os nordestinos brasileiros que se dirigiram historicamente à região Sudeste ou os turcos que, durante anos, migraram para a Alemanha para trabalharem, sempre de forma temporária. Pode-se refletir, também, em torno da globalização, que torna as fronteiras mais fluidas para a entrada de bens e capitais, porém mais rígidas para as pessoas;

Pode, por exemplo, ajudar a compreender momentos *sui generis*, mas de impacto global, como a abertura econômica chinesa que reacendeu a diáspora, expandindo-a territorialmente e intensificando-a perante o montante migratório. Assim, em trabalhos de campo realizados nos centros comerciais de diversas cidades brasileiras, como Recife - PE, Aracaju - SE, Fortaleza - CE, a região do Brás - SP, se pode tratar do comércio formal e informal das mercadorias *Made In China*, dos símbolos sínicos que se destacam na paisagem, dos ideogramas, da gastronomia, dentre outros.

O tema também pode ser examinado através das contenções territoriais atuais, dos quais são exemplos os campos de refugiados, como o de Daadab e o de Kakuma, no Quênia; o de Dollo Ado, na Etiópia; o de Zaatari, na Jordânia; o de Jabalia, na Faixa de Gaza; o de Sahrawi, na Argélia; o de Yida, no Sudão do Sul; o de Mbera, na Mauritânia; o de Tamil Nadu, na Índia; ou da Vila de Shamshatoo, no Paquistão; para citar alguns exemplos.

FIGURA 02. CAMPO DE REFUGIADO DE DADAAB. QUÊNIA. 2017.

Fonte: Foto da ACNUR – Comitê Espanhol. Disponível em: <https://eacnur.org/es/actualidad/noticias/emergencias/dadaab-el-1o-de-los-8-campos-de-refugiados-mas-del-mundo>. Acessado em 11 out. 2022.

A concepção de refugiado, atualmente, abarca aqueles e aquelas que fogem de guerras ou conflitos armados, pessoas que sofrem perseguições religiosas, raciais, étnicas ou possuem opiniões políticas divergentes ou, ainda, se encontram em situação de vulnerabilidade, devido à fome, à crise climática ou às diferentes formas de desigualdades sociais, como definido pelo ACNUR, o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, s/d). Os campos que os abrigam se tornaram realidades cristalizadas, muitos comportam populações numerosas que foram se estabelecendo com o passar do tempo, assistindo ao nascimento e crescimento de refugiados de segunda e terceira geração.

FIGURA 03. CAMPO DE REFUGIADO DE ZAATARI. JORDÂNIA. 2012.

Fonte: Foto de Brian Sokol para a ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/08/01/10-fatos-sobre-os-10-anos-do-campo-de-refugiados-de-zaatari/> Acessado em 10 out 2022.

Outra forma de contenção territorial que a migração permite analisar diz respeito aos muros e cercas que são erguidos nas fronteiras de diferentes países, além do uso de ferramentas tecnológicas que ajudam em seu patrulhamento, como satélites e drones. Especialmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, sucedidos pelos atentados de Madri, em 11 de março de 2004, na Espanha, e o de Londres, em 07 de julho de 2005, na Inglaterra, as questões migratórias passaram a compor a agenda de segurança nacional, em nome do

“combate ao terrorismo”, e a figura do migrante, como possível ameaça, foi sendo construída, de forma mais contemporânea. Em paralelo à emergência migratória, as fronteiras de diversos países, especialmente daqueles situados no Norte Global, foram sendo edificadas, a partir da construção de barreiras físicas, como aconteceu na fronteira sul dos Estados Unidos, onde foi erguido um muro de 730 km de extensão.

FIGURA 04. MURO NA DIVISA ESTADOS UNIDOS E MÉXICO. ESTADOS UNIDOS / MÉXICO. s/d.

Fonte: Opera Mundi – BBC World Service/Flicker/CC. Disponível em <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/38443/israel-eua-coreia-grecia-e-ceuta-conheca-cinco-muros-que-ainda-estao-de-pe> Acessado em 11 out 2022.

Já na fronteira entre a Grécia e a Turquia, onde foram erguidas cercas de 40 km de extensão e nas cidades espanholas de Ceuta e Melilla, encravadas no Norte da África, cujos muros e cercas possuem 20 km de extensão, imperam o desejo de impedir a entrada de migrantes em situação de vulnerabilidade, muitos advindos do continente africano e asiático.

Sob diferentes escalas e níveis de complexidade, a migração, o refúgio ou os deslocamentos compulsórios são, no princípio e no fim, assuntos que discorrem sobre o sujeito e sobre o Outro, que questionam a ideia de identidade, de cultura, de língua, de nação, do local e do global. Por isso, enquanto possibilidade de ser trabalhada, a partir da Geografia Escolar, o temário também se apresenta como um convite à formação cidadã.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio: “Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, analisar, relacionar, comparar e compreender contextos e identidades são condições para conhecer, problematizar, criticar e tomar posições” (BRASIL, 2017, p.548). O documento ainda complementa:

> Em suma, o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitudes fundamentais às aprendizagens da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse é o primeiro passo para a formação de novos sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento, como da ação ética diante do mundo real e virtual, envolvendo uma multiplicidade de culturas (Id., p. 555)

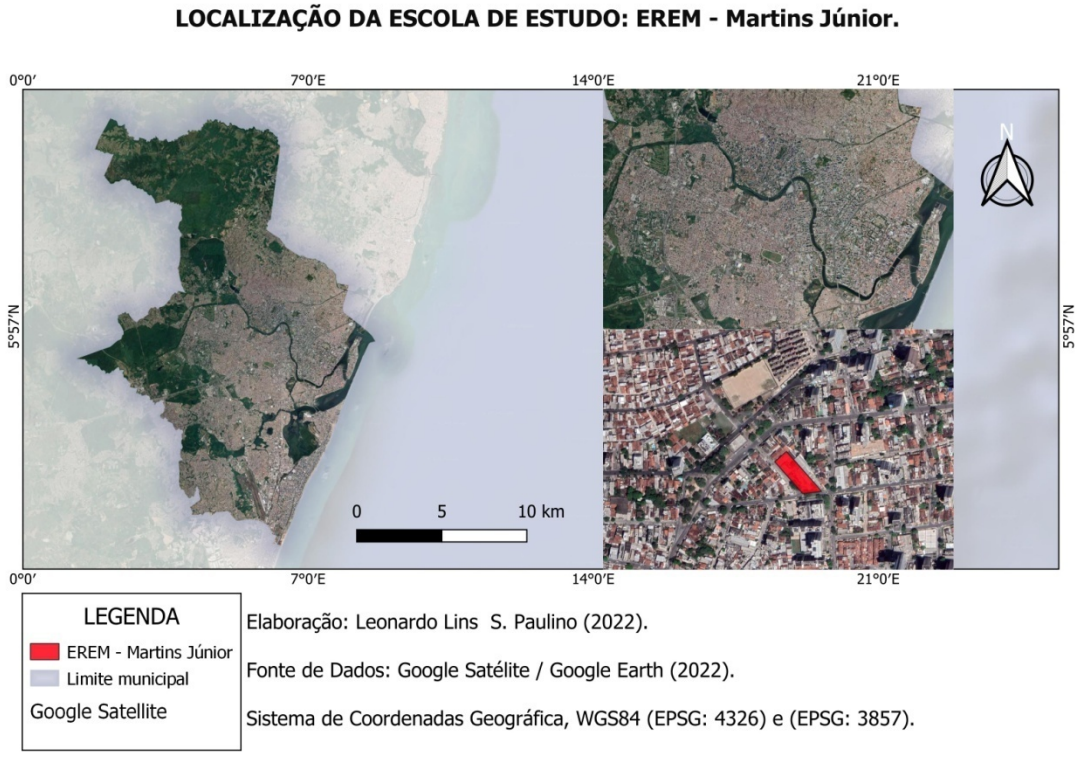
Dessa forma, o tema se apresenta como um convite instigante que perpassa competências e habilidades, no contexto da Educação Básica, despertando possibilidades variadas e transversais. Sua relevância reside na historicidade e contemporaneidade que conectam continentes, mares e fronteiras, comportando variados matizes, exigindo reflexões que destaquem sua complexidade e que reverberem nas relações entre diferentes sujeitos.

2. VIVÊNCIAS NO EREM MARTINS JUNIOR: Descrições e análises

Este capítulo tem como intuito refletir em torno das experiências advindas da prática docente na Escola de Referência em Ensino Médio Martins Junior, localizada no bairro da Torre, zona norte da cidade do Recife – PE. Para tal, é composto de três partes. Na primeira, conceitua-se o Relato de Experiência, como metodologia utilizada, ressalta apreensões perante a confecção do Plano de Aula e o apresenta de maneira expandida. No segundo momento são apresentados os Diários de Classe construídos para as turmas do 1°A, 1°B, 1°C e 1°D, desvelando detalhes da prática docente. E, por fim, são realizadas análises em torno de duas atividades que foram sugeridas as/os estudantes.

Vale salientar que a Martins Junior se tornou EREM no ano de 2012. Anteriormente, assistia ao alunato dos anos Fundamental e Médio. Hoje, a escola conta com 478 estudantes que compõem dez turmas de ensino integral e, também, cinco turmas voltadas à Educação de Jovens e Adultos, EJA.

FIGURA 05. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA EREM MARTINS JUNIOR. RECIFE – PE. 2022.



Elaboração do mapa: PAULINO, Leonardo Lins Santos, 2022.

2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Os textos acadêmicos seguem modelos específicos que são definidos pelos seus objetivos e suas finalidades. O Relato de Experiência (RE) se constitui enquanto uma possibilidade metodológica na elaboração de tais trabalhos, sua construção deve ser orientada pela descrição da experiência vivida (experiência próxima) e pela valorização dessa experiência, a partir da adoção de uma perspectiva crítica e reflexiva, com apoio teórico-metodológico (experiência distante), como destacam Mussi, Flores e Almeida (2021). O texto deve descrever uma experiência que possa contribuir para a área de atuação, sendo exitosa ou não, mas que colabore com a discussão e a proposição de ideias (UFJF, s/d). A Coordenação Pedagógica da ENFAM, a Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados, à hora da realização do III Encontro Nacional de Formadores, orientou a confecção do RE, para quem:

> Trata-se da apresentação de uma reflexão sucinta, a partir de uma organização estruturada pelo próprio formador (com introdução, desenvolvimento e conclusão), no qual possa analisar aspectos que considere significativos na evolução de sua prática docente, indicando os aspectos positivos e as dificuldades identificadas na organização e no desenvolvimento da aula, os resultados e outros elementos que julgar pertinentes (ENFAM, 2016).

O RE é mais comumente empregado junto ao campo da Educação que abarca subáreas, como Ensino e Aprendizagem, Métodos e Técnicas de Ensino e Avaliação da Aprendizagem; e, também, perante o campo do Ensino, onde se encaram propostas educativas e o ensino de determinado conteúdo (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

Este trabalho se inscreve na proposta de Relato de Experiência, devido à necessidade de abordar a vivência em sala de aula, junto a estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da cidade do Recife – PE. Bem como, pela intenção de destacar a elaboração e a maturação do material que serviu de base para a confecção da aula, as experiências da prática docente e os debates com as/os estudantes, de maneira crítica e reflexiva.

Nesse sentido, o desafio inicial para a confecção das aulas foi o de desenvolver um plano de aula que requereu, em alguns momentos, ensaios e lembranças de experiências anteriores de debate sobre o tema e discussões com

estudantes da Educação Básica, que pudessem contemplar alguns questionamentos importantes. Havia, também, a necessidade de fazer a eleição/seleção do que tratar, tendo em vista que o conhecimento em Geografia é bastante amplo e a pretensão de ensinar tudo de todo o mundo e de todos os lugares não é possível, nem razoável, como ressalta Calai (1999). Além disso, o plano deveria ser guiado a fim de despertar alguns apontamentos que contribuíssem para a elaboração de análises posteriores à aula: tais como: 1) Como as/os estudantes percebem os diferentes deslocamentos que existem e se intensificam ao redor do mundo? 2) Quais as associações que são feitas entre as causas e as consequências do processo migratório? 3) Como percebem a entrada de migrantes e de refugiados no Brasil e encaram essa realidade no contexto da cidade em que vivem?

Para responder a tais questionamentos, alguns elementos centrais perpassaram a proposta didática: a) apresentar o tema de forma lúdica e que provocasse o envolvimento das/dos estudantes para uma aula diferente da que elas/eles estão habituadas(os) – no sentido de que não seguiria o conteúdo programático; b) trabalhar conceitos desenvolvidos por estudos sobre as migrações (OIM, 2009; ACNUR, s/d), assim como, trazer dados que pudessem demonstrar a intensidade crescente dos deslocamentos (OIM, 2000; 2022); c) perpassar por diversos acontecimentos, no contexto global, a exemplo das guerras e crises político-econômicas, que, além de estarem conectados à migração, também pudessem despertar o interesse, devido ao caráter vigente; d) pensar a migração internacional, sob o contexto local; e) e, por fim, tendo a aula sido suficiente, convidar o alunato a desenvolver atividades sobre a temática, de forma mais criativa ou objetiva, a escolha delas e deles.

No contexto das migrações econômicas em nível global, os deslocamentos que ilustraram a aula se referiram aqueles que se destacam pelo montante migratório, isto é, advindos do México, da Índia e da China. Enquanto locais de recebimento, se tratou dos Estados Unidos, da Alemanha e da Arábia Saudita. No que concerne ao refúgio, foram destacados os casos da Síria, Venezuela, Afeganistão e Sudão do Sul, buscando mostrar que os países que mais acolhem são aqueles que se encontram perto de suas fronteiras, ou seja, Turquia, Colômbia, Uganda e Paquistão. Para retratar a migração para o Brasil e, também, para o Recife, foram contextualizados os exemplos dos senegaleses, haitianos, sírios,

venezuelanos, indígenas Warao e chineses, a partir de suas especificidades, comportando migrantes econômicos, migrantes com concessão de visto especial e migrantes em situação de refúgio.

O intuito era o de fornecer elementos para que o alunato analisasse a realidade em que se encontram e desenvolvessem um modo de pensar, a partir das perspectivas geográficas, tendo em vista que elas favorecem a compreensão do movimento da realidade (CAVALCANTI, 2013). Nessa perspectiva, “A Geografia é uma das aproximações do sujeito à realidade, na medida em que seus conhecimentos acercam-se da constituição dessa realidade” (Id., p. 381). Helena Capotti Calil (1999) corrobora tal abordagem, para ela, a Geografia escolar fornece elementos para a compreensão do mundo e das pessoas, na condição de sujeitos desse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais. A leitura do espaço permite, por isso, a leitura do mundo.

Assim, tendo em mente as considerações tecidas acima e as orientações fornecidas pela BNCC, referentes à área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a habilidade EM13CHS201 – Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais – serviu como pano de fundo para a construção do Plano de Aula Expandido, apresentado abaixo.

PLANO DE AULA EXPANDIDO	
Ministrante: Mariana de Albuquerque Vilarim	
TURMA: 1ºano EM	**COMPONENTE CURRICULAR:** GEOGRAFIA
DATA: 09/05; 10/05; 12/05	**CARGA HORÁRIA:** 1h40min
TÍTULO: Migração Internacional: histórias contemporâneas, diversidades e adversidades	
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NA BNCC	
CONTEÚDO: Deslocamentos humanos contemporâneos	
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Contribuir para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica em torno dos deslocamentos contemporâneos, focando na migração internacional e no refúgio. Refletir sobre o migrante e o refugiado na	

condição de alteridade.
(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Etapa 1	- Apresentação da professora e da proposta: Quem sou eu? De onde eu venho? O que eu faço e o porquê da proposta?
Etapa 2	- Jogo da forca coletivo, com o objetivo de descobrir a palavra “MIGRAÇÃO”; - Sinônimos e qualificações compõem uma nuvem de ideias;
Etapa 2.1	- Construção do conceito de migração, acentuando o destaque à migração internacional;
Etapa 2.2	- Migração enquanto um fenômeno que se intensifica, dados sobre a migração mundial, entre 2000 e 2022 (OIM, 2000; 2022);
Etapa 3	- Primeira rodada de perguntas – De onde vocês acham que os migrantes mais advêm e para onde vão?
Etapa 4	- Dados sobre os principais locais de saída e de destino no mundo e no Brasil (OIM, 2022);
Etapa 5	- Segunda rodada de perguntas – A migração mobiliza muitos discursos, alguns opostos a ela – apresentando os migrantes como se eles fossem ocupar os empregos dos nativos ou representassem um perigo social – e outros, congruentes – que destacam a diversidade cultural, além da contribuição para a geração de riquezas do país – O que vocês acham? – Debate;
Etapa 6	- Migração voltada para Recife – PE – Quem são os migrantes que se encontram residindo na cidade?
Etapa 6.1	- São destacados os grupos/comunidades e alguns movimentos que são apreendidos a partir do seu caráter econômico/laboral, da concessão de visto especial e do refúgio;
Etapa 7	- Conceito de refugiado (ACNUR, s/d) e dados sobre o refúgio, entrada e saída (OIM, 2022);
Etapa 8	- Terceira rodada de perguntas – Como se diferencia o migrante do refugiado? O Brasil deveria receber refugiados? Qual seria a melhor forma de lidar com a questão do refúgio no Brasil? – Debate;
Etapa 9	- Emergência da questão migratória e securitização das fronteiras; o tema da securitização foi apresentado à turma com um jogo de forca;
Etapa 10	- Racismo e Xenofobia, diferenciação e construção do conhecimento – Quando acontece o racismo? Quando prevalece a xenofobia? Há diferenças? Debate;
Etapa 11	- Proposta de atividades a serem escolhidas pelo alunato: 1)

Quais soluções o Brasil poderia adotar para melhor receber os refugiados? OU 2) Escreva uma carta como se você fosse um refugiado e estivesse se comunicando com um ente querido.

Vale destacar, perante o Plano de Aula Expandido, a compreensão em torno do racismo e da xenofobia que conduziram o debate proposto na Etapa 10. Segundo Handerson (2017, p. 593), racismo "(...) é um conjunto de conceitos e crenças ideológicas que contribuem para estabelecer a divisão da humanidade em raças distintas e classificadas hierarquicamente." Por xenofobia, o autor compreende os atos de rejeição e violências verbais, morais, físicas, psíquicas etc., praticadas por naturais em relação aos estrangeiros e salienta que estes dois conceitos não são excludentes, tampouco estanques, pelo contrário, há uma afinidade entre eles. Assim, migrantes podem sofrer xenofobia, em decorrência da sua origem nacional, mas, também, serem vítimas de racismo social e institucional, na medida em que são discriminados, por pessoas e governos, com base em critérios raciais.

Levando em consideração a metodologia pensada para o Plano, vale ressaltar que ela visou combinar momentos de aula expositiva com debates, se caracterizando, por isso, como uma aula expositiva dialogada, onde há a participação ativa das/dos estudantes, sendo os conhecimentos prévios considerados, e onde a/o professora/professor atua como mediadora/mediador (HARTMANN; MARONN; SANTOS, 2019).

Dois recursos didáticos foram utilizados de maneira pontual, o minijogo – no caso, o jogo da forca para a descoberta das palavras "migração" e "securitização" – e a elaboração de um pequeno mapa mental que pudesse ajudar a identificar o sentido do conceito de migrar e as formas de qualificar o fenômeno.

Após a elaboração do Plano de Aula Expandido, a ser aplicado em duas aulas de 50 minutos, totalizando, portanto, 1h40min, havia a necessidade de encontrar uma escola e uma/um professora/professor que concordasse em ceder algumas de suas aulas para a atividade, talvez, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas(os) estudantes de Licenciatura.

No último quesito, no entanto, não houve contratempos, tão logo se estabeleceu contato com o Prof° Almir Alves, foi apresentada a possibilidade de realizar as aulas na Escola de Referência em Ensino Médio Martins Junior, situada

no bairro da Torre, zona norte do Recife. Por ter acompanhado, em 2021, na condição de estagiária, o trabalho do professor no EREM Jornalista Trajano Chacon, no bairro do Cordeiro, a aceitação da proposta foi imediata. Assim, foram cedidas oito aulas, duas para cada turma do Primeiro ano, que aconteceram na semana entre os dias 09 e 13 de maio de 2022.

2.2 DIÁRIOS DE CLASSE

As experiências vivenciadas na sala de aula de cada turma conduziram a produção de Diários de Classe que buscaram levar em consideração especificidades e apreensões gerais em torno do diálogo com o alunato. Os Diários de Classe servem como guia para as/os docentes, no que concerne aos processos avaliativos processuais, destacando as habilidades a serem trabalhadas e observadas durante o ano, além de observações sobre cada estudante. Aqui, contudo, eles servem ao propósito de narrar as experiências advindas com a prática docente.

Diário do 1°D

Dia 09 de maio de 2022, às 7:15, se deu a primeira visita ao EREM Martins Junior, situado na rua Padre José Regueira, rua transversal à Dom Manuel da Costa, importante via do bairro da Torre. Foi necessário aguardar por alguns minutos o professor Almir, até sua chegada, pouco após às 7h30min. Já na sala de aula da turma do 1º Ano D, o Profº. explanou rapidamente que a aula seria diferente e que seria ministrada por uma colega convidada. Assim, foi dado início à Etapa 1 do Plano de Aula Expandido, compreendendo a apresentação da professora e da proposta aos estudantes.

A turma, a princípio, acolheu a proposta, participando do jogo da forca. Ao lado da palavra “migração”, escrita no quadro, surgiram as palavras/expressões: “mudar”, “viajar”, “necessidades de trabalho/estudo”, “fome” e “guerra”. Destacada as diferenças entre migração interna e externa e ressaltando o foco no recorte internacional, foram apreendidas as diferenças entre querer e poder migrar de ser compelido a migrar.

A aula seguiu o Plano, com um quadro que se desenhava confuso, pela ausência de divisões que pudessem ajudar na organização dos conteúdos. Seguiu com a participação de poucos estudantes, especialmente daquelas/daqueles que se sentavam à frente, próximos ao quadro. Foram necessárias muitas idas e vindas ao "fundão" e algumas batidas na lousa, para que os demais participassem, mesmo que parcialmente.

Nos debates propostos, houve pouca participação, com algumas/alguns estudantes destacando as diferenças entre o migrante econômico, por exemplo, e o refugiado. Quanto ao conhecimento em torno dos lugares de migração mais expressiva – saída e entrada –, a participação da turma já foi mais efetiva, com muitas opiniões proferidas, com destaque aos Estados Unidos, enquanto lugar de recebimento, e a França, que não figura na lista dos países que mais recebem migrantes, nem de onde mais saem. Assim, a proposta foi caminhando e sendo concretizada.

A migração, pensada a partir de Recife, também contou com certa participação, apesar de, no primeiro momento, após o questionamento, haver mais entreolhares entre elas e eles, do que respostas efetivas. Logo em seguida, alguém trouxe o exemplo dos venezuelanos, outro, dos chineses que trabalham no centro da cidade... No quadro, ao lado desses exemplos, foram trazidos os Warao, ao qual a turma não havia ouvido falar, apesar de muitas/muitos já haverem se deparado com migrantes indígenas da Venezuela, os haitianos e os senegaleses.

Perante o debate em torno dos refugiados e sua caracterização, muitas e muitos trouxeram o contexto das guerras e a crise econômica da Venezuela. A securitização das fronteiras e o debate sobre racismo e xenofobia fluíram parcialmente, geralmente a partir de exemplos que foram sendo construídos com a turma.

No final dessas duas aulas, foram reservados 15min para o desenvolvimento do trabalho proposto, a Etapa 11. Nesta turma, a atividade pode ser realizada em trios ou duplas, por conta do tempo reduzido e com o intuito de incentivar a participação. Tal incentivo também foi dado pelo Profº. Almir, que conferiu um ponto para quem entregasse o material.

O 1ºD devolveu sete trabalhos, sendo 1 realizado em dupla, 2 em trio e 4 de maneira individual. Por sua vez, três trabalhos se propuseram a pensar a Questão 1 – Soluções que o Brasil poderia adotar para melhor receber os refugiados – e quatro optaram pela atividade 2 – Escrever uma carta como se você fosse um refugiado.

Diário do 1°A

Ainda no dia 9 de maio, foram lecionadas as aulas para o Primeiro Ano A. Migração foi qualificada pelas(os) estudantes como: “mudar”, “viajar”, “necessidades”, “trabalho”, “crise climática”, “fome” e “guerras”. Com uma participação bem mais ativa do que a turma anterior, as discussões foram amplas. As/os estudantes teceram análises críticas em torno da temática, além de ajudarem a identificar os países de origem e de destino da migração e do refúgio e de tratarem da realidade migratória em Recife. Segundo elas e eles, o Brasil deveria receber os refugiados e assisti-los, oferecendo empregos e cursos de língua portuguesa.

Já nas discussões sobre racismo e xenofobia, assim como sobre securitização, as/os estudantes, de uma maneira geral, não perceberam uma questão racial quando os Estados Unidos ergueram um muro para dificultar a entrada de migrantes, em sua fronteira com o México, mas identificaram o racismo, quando países europeus abriram suas fronteiras para receberem refugiados de guerra advindos da Ucrânia, mas não as mantêm abertas para receber refugiados de países em guerras ou conflitos armados, situados no continente africano.

Nesta turma, foram devolvidos dezenove trabalhos, todos feitos de forma individual, doze optaram por tratar das soluções que poderiam ser adotadas para melhor receber os refugiados e sete escreveram a carta como se estivessem nessa condição.

Diário do 1°C

No dia seguinte, 10 de maio, foram lecionadas as aulas para a turma do Primeiro ano C. Após a apresentação da proposta, a turma motivada pela curiosidade em torno do tema da aula, participou ativamente do primeiro minijogo. Elas e eles contribuíram para a formação do mapa mental em torno da palavra

“migração” que complementaram com qualificações próximas aquelas que já haviam aparecido nas turmas anteriores, isto é, “trabalho/estudo”, “guerra” e “fome”.

No entanto, tão logo a atividade prosseguiu, houve momentos de dispersão que, de alguma maneira, eram contrabalanceados pela participação das/dos estudantes. Muitas e muitos contribuíram com a identificação dos países de origem e destino dos deslocamentos e da migração compulsória, assim como, para o debate, complementando informações.

No contexto da migração para o Recife, as/os estudantes participaram relatando que conheciam estrangeiros, que já haviam se deparado com migrantes no centro do comércio tradicional da cidade ou em sinais de trânsito. O debate sobre o recebimento de refugiados teve a participação de parte expressiva da sala, tendo, a maior parte das/dos estudantes, se mostrado favorável ao acolhimento dos refugiados. Algumas/alguns, no entanto, trataram dos encargos sociais que recairiam sobre o Estado, a partir da necessidade de fornecer auxílios financeiros ou de moradia, por exemplo.

Perante a oferta de empregos aos migrantes em situação de refúgio, as/os estudantes relataram as dificuldades que enfrentam para conseguir se inserir no mercado de trabalho, o que, de alguma maneira, para elas/eles, poderia piorar, caso o Brasil recebesse um montante expressivo de estrangeiros em condição de vulnerabilidade. Nesse sentido, foi destacado que, além do Brasil não receber um número expressivo de refugiados – segundo o ACNUR, em associação com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), ao final de 2021, existiam 60.011 pessoas refugiadas no Brasil (ACNUR, s/d) –, há pesquisas que comprovam que os migrantes, refugiados ou não, contribuem economicamente para o país de destino, não sendo, assim, um “encargo social”, como o estudo realizado por Engler *et al*. (2020).

Nesta turma, vinte e seis alunas/alunos participaram da atividade final, dezesseis optaram por responder à questão em torno das soluções que poderiam ser adotadas pelo Brasil para melhor receber os refugiados e dez escolheram produzir a carta.

Diário do 1°B

No dia 12 de maio, foi ministrada a última aula no EREM Martins Junior, desta vez, para a turma do Primeiro ano B. A primeira impressão da turma, de certa forma, foi semelhante às demais, com as/os estudantes que se sentavam à frente se mostrando mais envolvidos com a proposta e os que se situavam mais à trás, um pouco menos.

Do minijogo inicial, migração foi complementada com palavras e ideias semelhantes às das demais turmas: “guerras”, “fome”, “recursos naturais”, “trabalho”, dentre outras. Logo em seguida, foram contrastados os contextos daqueles que migram porque optam deliberadamente, daqueles que migram porque necessitam, o que, em casos extremos, introduz a ideia da figura do refugiado.

Para retratar o contexto migratório em escala mundial, se tratou, em forma de síntese, da China que comporta o quarto maior montante migratório atual (OIM, 2022), tecendo uma relação com a abertura e expansão do mercado chinês e sua relação histórica com a diáspora. A China também serviu de exemplo para introduzir os questionamentos acerca da migração voltada para a cidade do Recife, sendo expandida a discussão, a partir dos exemplos de outros grupos e comunidades de migrantes, como os senegaleses, os venezuelanos e os Warao.

Naquilo que concerne à percepção em torno da receptividade que o Brasil deveria ter (ou não) perante os migrantes em situação de vulnerabilidade, a grande parte do alunato destacou a importância de acolher bem os refugiados, devido às dificuldades pelos quais eles passam. Já a questão da securitização e, mais especificamente, sobre o muro construído na fronteira do México e dos Estados Unidos, um estudante disse que o país estadunidense não estava errado em querer proteger sua fronteira, exercendo um controle mais forte sobre quem entra. Por conta disso, foi retratado o contexto da construção deste muro, associado ao discurso de “combate ao terrorismo”.

Quando a questão do racismo e da xenofobia adentrou a discussão, algumas pessoas a associaram ao muro estadunidense, outras não pareceram identificar elementos raciais, apenas xenófobos às restrições migratórias. Já se tratando das fronteiras europeias, a construção de barreiras físicas e o acolhimento parcial de migrantes em condição de vulnerabilidade, foram entendidos, na maior parte das vezes, como um caso de racismo, mas, também, como uma questão derivada de diferenças culturais e identitárias, por isso, xenofobia.

Muitas e muitos estudantes participaram da atividade proposta ao fim da aula, vinte e três optaram por responder a questão sobre o acolhimento de refugiados no Brasil, quatro construíram uma carta e três estudantes responderam a ambas as questões.

De uma maneira geral, pode-se dizer que, nos primeiros momentos da aula, Etapas 2 e 3, imperava uma percepção comum frente ao conceito de migração, apresentando, lado a lado, motivos econômicos, ambientais ou humanitários, enquanto responsáveis pelo desencadeamento de deslocações. Com o andamento da aula, as/os estudantes pareceram compreender as diferenças entre poder e querer migrar e ser obrigado a tal.

No debate em torno da raça, no entanto, apesar de ter sido um dos que mais provocou participação, escapava à compreensão do conceito de forma relacional. Em uma das turmas, as discussões fizeram a professora questionar se, caso elas e eles fossem barrados na fronteira dos Estados Unidos, por exemplo, elas e eles associariam ao fato de serem latino-americanos, as/os "*browns*", como são chamados lá. Majoritariamente, a resposta foi "não". Muitos "*browns*", no Brasil, são considerados "brancos" ou não negros, sob essa concepção simples se percebe o caráter relacional de raça. Desvela, também, que o contato com o Outro, com a cultura do Outro traz, necessariamente, novos pensamentos e descobertas em torno de si próprio, o Eu.

Por fim, salienta-se que as experiências com a prática docente foram bastante significativas e, também, desafiadoras. O papel da/do professora/professor em sala de aula, na condição de facilitador(a) e interlocutor(a), exige maleabilidade a cada segundo, a cada provocação e, apesar da preparação prévia em torno do conteúdo pedagógico-geográfico, toda interação com o alunato abarca um certo quê de imprevisibilidade natural, afinal, se trata de sujeitos que estabelecem diferentes conexões com quem leciona, com colegas, com o ambiente físico da escola etc. Talvez, a graça em dar aulas resida aí, nenhuma delas sai igual e a cada momento que se encerra para que outro se inicie, há transformações que englobam novas perspectivas, o surgimento de idéias, maneiras diferentes de abordar as questões já desenhadas no plano de aula.

Pode-se dizer, também, que a possibilidade de discorrer sobre a temática migratória, em conjunto com as/os estudantes do EREM Martins Junior, conferiu

novos sentidos ao entendimento inicial, os debates enriqueceram o repertório e fizeram despertar outra forma de mediar falas, idéias, conceitos. Por isso, tal vivência se coloca como *sui generis* e escapa às aprendizagens estabelecidas no ambiente acadêmico. Dessa vez, abarca-se prática e teoria, a partir de um eu-professor.

2.3 ANÁLISES DAS ATIVIDADES

Como brevemente sublinhado no Plano de Aula Expandido e discorrido nos Diários de Classe, duas questões foram propostas aos estudantes das quatro turmas, a primeira perguntava sobre as soluções que poderiam ser adotadas pelo Brasil para melhor receber os refugiados (Questão 1); e a segunda, compreendia um exercício no qual elas e eles iriam se imaginar vivendo sob a condição de refúgio e escreveriam uma carta a um ente querido relatando um pouco sobre a experiência que estariam vivenciando (Questão 2).

A primeira questão, com um caráter mais objetivo, tinha o intuito de provocar reflexões críticas sobre a realidade dos migrantes em vulnerabilidade extrema, o papel do Estado, assim como, da sociedade civil. Por sua vez, o exercício de escrita de uma carta fazia o convite à imaginação e à sensibilidade criativa das/dos estudantes que, a partir do Eu lírico, se colocariam mais suscetíveis perante as relações com familiares ou outras figuras importantes.

A análise das atividades solicitadas foi realizada sem levar em consideração as turmas ou possíveis predicados das/dos estudantes que as responderam. Assim, todas elas foram divididas em dois blocos, o primeiro correspondente às respostas dadas para a Questão 1, e o segundo referente aos trabalhos que focaram na Questão 2.

2.3.1 Questão 1 – Quais as soluções que o Brasil poderia adotar para melhor receber os refugiados?

A primeira observação analítica em torno da Questão 1 se refere ao número de trabalhos que foram copiados entre as/os estudantes. No total, um grupo de sete pessoas comungou da mesma resposta, assim como outro grupo de seis estudantes, inclusive de turmas diferentes, o que indica o recurso à internet; três pessoas responderam a mesma coisa, além de outras cinco duplas.

Pensando uma tabulação com as principais soluções apontadas, os trabalhos repetidos responderão como se fossem únicos. Assim, de um total de 57 respostas conferidas à Questão 1, 39 foram avaliadas, resultando na Tabela 01, apresentada a seguir:

TABELA 01. PRINCIPAIS RESPOSTAS/SOLUÇÕES APRESENTADAS PELAS/PELOS ESTUDANTES À QUESTÃO 01.

Soluções apresentadas	**Número de citações**
Emprego (facilitar ou ofertar empregos)	21
Moradia	19
Alimentação (fornecer alimentação, cestas básicas ou auxílios para alimentação)	12
Ensino de língua portuguesa	10
Educação (oferecer educação para adultos e/ou crianças)	8
Construir abrigos ou casas de apoio	7
Melhorar a infraestrutura na recepção de refugiados	7
Pagar auxílio / pensão	4
Conferir suporte médico/acesso à saúde	4

Fonte: Dados extraídos da atividade realizada em sala de aula. Tabulação própria.

Do exame da Tabela 01, de uma forma geral, observa-se que as/os estudantes compreenderam o conceito de refugiado, enquanto um sujeito que se encontra em situação de vulnerabilidade. Da mesma forma, responderam à pergunta refletindo sobre o papel do Estado. Por essa razão, as questões referentes ao emprego, à moradia e à alimentação se destacaram, elas parecem indicar uma percepção comum perante o básico necessário para se viver, seja no Brasil ou no exterior, na condição de refugiado, migrante ou autóctone.

Em segundo lugar, são destacados à educação em face do ensino da língua portuguesa e do ensino formal. Nesse sentido, parte do alunato se referiu à educação como elemento que contribui para que a pessoa refugiada consiga se integrar mais facilmente à cultura nacional/local, sendo, também, um elemento facilitador na busca por emprego. A importância da educação, enquanto resposta, pode apontar, também, para o entendimento de que ela é concebida como basilar para a melhoria das condições de vida.

Já construir abrigos ou casas de apoio dá conta de uma perspectiva que encara as necessidades das pessoas refugiadas sob um caráter emergencial ou temporário, tendo em vista que tais habitações não são associadas à ideia de lar. Por sua vez, em algumas respostas, as casas de abrigo ou de apoio apareceram como “asilos”, o que pode indicar exatamente o contrário da percepção anterior, perante a temporalidade, mas nem tanto perante a ideia de lar.

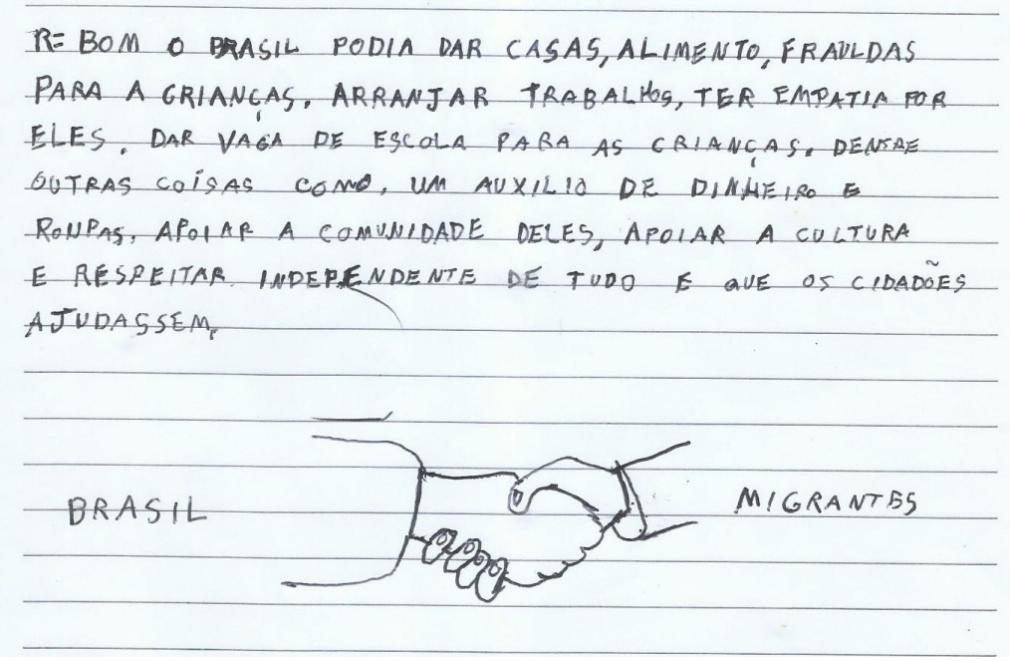
Uma das questões que chamou especial atenção foi a concepção em torno da necessidade de melhorar a infraestrutura na recepção dos refugiados. Alguns trabalhos fizeram menção ao fato do refugiado vir de um local assolado por guerras ou fome e, por isso, seria importante recebê-los bem.

No quesito “Pagar auxílio ou pensão”, uma/um dos estudantes sugeriu criar uma bolsa, aos moldes do Bolsa Família, programa governamental que concedia auxílio às famílias mais necessitadas, durante os governos do Partido dos Trabalhadores, focado no caso dos refugiados. Já a questão do suporte médico ou saúde foi citada sem muitas problematizações, apesar de ser essencial e exigir que se leve em conta fatores culturais, identitários, geográficos, em respeito às especificidades dos diferentes grupos.

Destaca-se que outras soluções foram indicadas, porém em número inferior a quatro e, por isso, optou-se por não apresentá-las na Tabela, foram elas: (a) Contribuir com a adaptação à nova cultura (mas não se indicava como) – 3; (b) Criar instituições de caridade – 3; (c) Fornecer documentos – 3; (d) Controlar a entrada – 2; (e) Fazer parcerias com Organizações Não-Governamentais – 2; (f) Criar leis específicas de auxílio aos refugiados – 2; (g) Apoiar as comunidades de refugiados (sem especificar como) – 1; e (h) Repatriação voluntária – 1.

As construções de algumas respostas chamaram especial atenção, (a) a primeira delas engloba um desenho que foi realizado pela/pelo estudante para complementar a ideia que havia transposto – Imagem 01; (b) outras, se destacam pela clareza com a qual foram concebidas; (c) pelo caráter incomum que apontavam nas soluções; (d) ou, ainda, pela aspereza frente ao tema. Para exemplificar os grupos (b), (c) e (d), duas respostas foram selecionadas e serão transcritas, de maneira integral.

FIGURA 05. RESPOSTA À QUESTÃO 01. SOLUÇÕES QUE PODERIAM SER ADOTADAS PELO BRASIL PARA MELHOR RECEBER OS REFUGIADOS. ELABORADA PELA(A) ESTUDANTE 01. 2022.



Fonte: Estudante 01. 2022.

Da imagem 01 observa-se a perspectiva que a/o estudante possui, perante a questão, que engloba uma abordagem assistencialista, no entanto, ressalta a importância do apoio às comunidades e de respeito para com os sujeitos, o que é expresso, também, através do desenho do encontro de duas mãos em saudação cortês. Já as respostas selecionadas para o grupo (b) – aquelas que se destacam pela clareza com a qual retratam o tema, foram:

> “Ter leis para garantir a dignidade dessas pessoas, como dar assistência com relação ao ensino da língua portuguesa, moradia, alimentação, segurança e emprego” (Estudante 2).

> “Primeiramente, com boas recepções, moradia, emprego. Com pessoas experientes para ajudar eles com o que precisarem, para que possam se adequar a suas novas vidas, cultura etc.” (Estudante 3).

Os textos das/dos Estudantes 2 e 3 vão em confluência às respostas tabuladas acima, destacando o papel do Estado e a importância de inserção na sociedade nacional. Os escritos selecionados para o grupo (b) foram:

> “Separar os refugiados de cada país em uma casa” (Estudante 4).

> “Poderia ter um aeroporto só para os refugiados ou o governo poderia fazer cinco apartamentos em cada estado só para os refugiados” (Estudante 5).

Já os textos do grupo (b) apresentam certo caráter incomum frente ao apontamento de soluções, além de indicarem, em algum grau, sem fazer julgamento da intencionalidade, uma visão não integradora, na qual as pessoas refugiadas devem ser assistidas quase que de maneira apartada perante os demais. As respostas selecionadas para compor o grupo (c) são:

> “Controlar a entrada de refugiados” (Estudante 6).

> “Primeiramente, eu acho que o Brasil precisa melhorar para os próprios habitantes. Muita gente brasileira não tem estabilidade financeira, se os brasileiros tivessem um governo melhor, eu acho que teríamos a capacidade de dar uma estadia melhor aos refugiados. Mas para a melhoria de vida deles aqui, eu acho que o governo deveria oferecer casas e uma renda para eles terem como se manter, até eles se estabilizarem no país” (Estudante 7).

Essas respostas se destacam por comungarem de uma concepção mais crítica à presença das pessoas refugiadas. No primeiro fragmento, constata-se que a/o estudante concebe o controle da entrada de pessoas no território nacional,

sendo esta a resposta integral. Já no recorte dois, observa-se uma ponderação em torno das condições de vida dos cidadãos brasileiros que, devido às dificuldades sociais, não assistiria aos refugiados, exigindo uma reestruturação política e social que auxiliasse os autóctones, para, assim, assistir aos outros.

Das considerações tecidas em torno das respostas das/dos estudantes, poder-se-ia postular a existência de uma gama variada de possibilidades/soluções a serem adotadas que envolvem, majoritariamente, questões materiais, muitas das quais aparecem como condições básicas para a vida de qualquer sujeito, assim como a percepção do Estado, enquanto garantidor de direitos. A importância dos elementos apontados e apresentados na Tabela 01 discorre de uma reflexão crítica que apreende, no deslocamento da pessoa refugiada, motivos que estão para além da vontade daquele que migra, o que sustenta a necessidade de recebê-los em territorial nacional e ampará-los. Dessa forma, a atividade proposta, além de ter contado com participação expressiva das/dos estudantes, foi bastante interessante na produção de um material analítico sobre o tema.

Quanto à análise da atividade, salienta-se, em linhas gerais, que alguns trabalhos costuraram linhas tênues, confundido ou aproximando em demasia a ideia de fornecer auxílios aos refugiados, a partir do Estado, e ações de caridade. Destaca-se, também, que é importante assegurar aos refugiados condições para se integrarem, não cabendo, por isso, soluções que os apartem dos demais cidadãos. A Constituição Federal de 1988, no seu Artigo n° 5, informa:

> Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...) (BRASIL, 1988).

Além dela, a Lei n° 9.474 de 1997, em seu Artigo 48, observa que devem ser levados em consideração, no que tange aos refugiados, a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, dos quais o Brasil é signatário (BRASIL, 1997).

2.3.2 Questão 2 – Escreva uma carta como se você fosse um refugiado e estivesse se comunicando com algum ente querido

Cartas comunicam, mesmo na ausência de um interlocutor que provoque a existência de um diálogo. É um exercício de escrita autoral que desafia o medo ou a vergonha de escrever e, no exercício proposto, aparecia com o intuito de despertar a imaginação e a criatividade daquelas/daqueles que optassem por esta atividade. Tal imaginação e criatividade deveriam encontrar subsídio na percepção que cada uma e cada um tinham acerca do que é ser refugiado, as vicissitudes que passam, sem excluir alegrias e conquistas, e, também, levando em consideração a aula que havia sido ministrada sobre o tema.

Nesse, sentido, o emprego do Eu lírico conferiu flexibilidade à proposta, não havendo cartas certas ou erradas, melhores ou piores. As reflexões e a prática investigativa em torno da atividade caminham, então, a partir da diversidade de situações criadas; das conexões estabelecidas entre o lugar de origem e de destino daquelas cartas que os demarcam; perante os sujeitos anunciados no endereçamento (mãe, avó, irmãos etc.), quando destacados; dos motivos apontados para o deslocamento; além de questões subjetivas, como as apreensões e as esperanças.

A atividade contou com a participação de 28 estudantes, sendo que três reproduziram uma mesma carta e, por isso, foram interpretadas como uma, totalizando, assim, 26 escritos.

A proposta de muitas cartas assentou-se num relato mais genérico, sem destacar os motivos que provocaram o deslocamento, mas a tomando como um relato de vivência, posterior a chegada no país de recebimento. Houve, também, as que salientaram as causas que fizeram a migração necessária. Naquelas que destacaram o motivo para o refúgio, a questão das guerras foi a mais expressiva, aparecendo em seis relatos; em seguida, se destacou a questão da crise econômica que foi comum em quatro trabalhos; por sua vez, outras quatro cartas foram escritas salientando motivos diferentes: perseguição – sem informar o caráter da perseguição; catástrofe ambiental – terremoto; violação dos direitos humanos – trabalho escravizado; e a pandemia de Novo Coronavírus.

No exame proposto, buscou-se, também, apontar os locais de saída dos refugiados e os de entrada. A maior parte das cartas, contudo, não delimitavam

esses espaços, totalizando doze. As que fizeram advinham de um lugar desconhecido e tinham como destino o Brasil, em número de oito cartas. Por sua vez, duas tinham como destino os Estados Unidos. As demais, somando uma em cada categoria, apontavam a Venezuela e a Síria, como local de saída, e o Brasil, como lugar de chegada; o Brasil, como local de origem e a Coréia do Sul e o México, como destino.

Enquanto exemplo do grupo daqueles escritos que não definiram o motivo do deslocamento, não definiram o local de origem, mas destacaram o Brasil, como local de acolhimento, se pode citar a carta do Estudante 8, transcrita abaixo:

> Carta 01
>
> Olá, mãe. Faz 3 meses que cheguei ao Brasil e não lhe dei notícias, então decidi mandar esta carta. Estou com saudades de você e da nossa família. Logo começarei a mandar dinheiro que estou conseguindo aqui. É pouco, mas acho que ajuda. Estou muito feliz aqui no Brasil, mal cheguei e já fiz algumas amizades. Espero que esteja tudo bem por aí. Te amo, mãe. (Carta 01 - Estudante 8).

A Carta 01, endereçada à mãe, discorre sobre um tema bastante comum aos demais escritos, a saudade da família e o desejo de poder contribuir financeiramente com aqueles que ficaram na terra natal. Além de destacar uma experiência positiva na sociedade receptora e perante o cotidiano junto aos autóctones. Em outro caso, como no da Carta 02 do Estudante 9, observa-se o sentimento de saudade, a vontade de trazer o familiar para o novo país. Diferentemente do primeiro escrito, a carta cita a xenofobia, lê-se:

> Carta 02
>
> Vó, eu consegui passar pela fronteira. Por um lado é bom, posso conseguir um trabalho, talvez uma condição melhor, mas você não vai estar aqui comigo para ver meu esforço, minha determinação para melhorar a nossa vida. Vou fazer de tudo para conquistar meu objetivo, mesmo que sejam xenófobos comigo ou pensem coisas sobre mim. Assim que eu conseguir, vou te buscar, custe o que custar. Beijos, vó Lúcia, se cuida, tá? Te amo. (Carta 02 – Estudante 9)

O interessante na ênfase dada a xenofobia foi a utilização de um conceito que havia sido trabalhado em sala, desvelando uma compreensão crítica das vicissitudes que podem cruzar o caminho dos refugiados. Há, também, uma entrega emotiva na realização da atividade que desenha o sonho da permanência, da melhoria da qualidade de vida e da reunião familiar, isto é, o encontro com a avó no país de acolhimento.

Ao contrário do observado nos dois exemplos acima, muitos escritos não possuíam um endereçamento explícito, muitas vezes, o sujeito com quem o diálogo se propunha estava oculto ou a carta se colocava para qualquer interlocutor que tivesse interesse naquela experiência, como jornais e revistas, além de outras pessoas em situação de refúgio. Treze cartas foram enquadradas nessa categoria. Dos sujeitos explicitados, a figura materna foi a que alcançou maior destaque, sendo seis cartas endereçadas a ela; duas cartas eram encaminhadas a figura da irmã ou do irmão; duas aos representantes do Estado, sendo uma ao representante do Estado de Pernambuco; e três escritos possuíam direcionamentos outros, um deles era endereçado à avó, outro à professora que lecionou a aula e, por fim, um era encaminhado à/ao companheira/companheiro.

A Carta 03, apresentada abaixo, não definiu o interlocutor que, nesse caso, aparece como sujeito oculto que pode ser qualquer um que tenha interesse no depoimento, inclusive meios de comunicação, tendo em vista que é feita a partir de um relato de vivência e conclama a população que se sensibilize com a questão do refúgio, ao mesmo tempo, agradece o apoio recebido.

Carta 03

Hoje, dia 10 de maio de 2022, quero declarar a minha alegria em, finalmente, conseguir me sentir livre e segura, recomeçando a minha vida em um novo país. Vivi diversas lutas para chegar até aqui, já não agüentava tanto chorar, tanta guerra. Ver as pessoas em minha volta sofrendo. Perdi pessoas, mas hoje estou aqui para contar minha história, depois de uma grande tragédia, fugindo para sobreviver, tendo que deixar minha vida, lembranças... Para ver meus filhos crescerem bem, em paz. Peço-lhes que abriguem quem precisa, ajudem, acolham, pois o sofrimento só é notado por quem vive. Obrigado a todos que se compadeceram e usaram de sua bondade para salvar vidas, agradeço às Casas de Apoio. Lutem pelas vossas LIBERDADES! (Carta 03, Estudante 10)

A Carta 03 se destaca pelo reconhecimento perante o apoio recebido, tanto por parte de pessoas, quanto por instituições. Da mesma forma, não se furta a encarar a violência que a migração compulsória implica. Em contraponto, desvela sentimentos de esperança e recomeço.

No quesito da subjetividade, aliás, pode-se salientar, em especial, a saudade daqueles que ficaram, o desejo de regressar ao local de origem, a vontade de se estabilizar economicamente e trazerem a família para o novo país, os anseios de arrumar emprego e a necessidade de mandar recursos para as famílias. Enquanto exemplo, se pode citar a Carta 04, do Estudante 11, onde se observa (a) o motivo que impulsionou o deslocamento; (b) a busca pelo emprego; (c) as dificuldades em estar apartada dos familiares, tendo que encarar a migração de forma solitária; (d) além da vontade de ajudar quem ficou.

> Carta 04
>
> Querida Irmã,
>
> Olá, já faz um tempo que não nos falamos, a vida nesse novo país é bem difícil. Apesar de não ter guerras aqui, parece que eu vivo em uma constante guerra no meu dia a dia. A vida não está fácil como achei que seria, a busca por emprego é constante e a falta dele, infelizmente, também o é. É difícil para mim viver aqui sozinha, porém, eu sei que é mais difícil para vocês que não tiveram outra escolha a não ser ficar... Não quero transformar isso em uma carta melancólica, contudo, eu sinto muita falta de vocês, do meu país, das minhas origens. Mas o que me motiva é saber que dessa forma poderia ajudar vocês.
>
> P.S.: Sinto muita falta de todos e não vejo a hora de nos reencontrarmos. (Carta 04, Estudante 10).

Vale salientar, da leitura da carta reproduzida acima, outros dois elementos: a empatia que o sujeito-escritor tem perante aqueles que não puderam migra e, por isso, convivem com as aflições que a guerra traz; e as adversidades encontradas para viver no país de recebimento, como a falta de trabalho.

Em vias gerais, o exercício proposto tinha como intuito despertar no alunato a compreensão de que o refugiado é um Outro que não está alheio ao autóctone, da mesma forma, o autóctone não deveria fazê-lo. As causas de tais deslocamentos

são frutos de eventos globais que conectam lugares diversos e se materializam na vizinhança da escola, da residência, nos lugares onde se faz as feiras, nas ruas, onde se cruza com pessoas diferentes o tempo todo.

Quando eu falo do outro – outra pessoa, outro sujeito –, eu falo de mim, quando eu vejo o outro, eu vejo a mim, sou eu, em relação ao outro. Nesse sentido, se coloca como necessário encarar a sociedade, a partir da sua diversidade, das múltiplas identidades e da multiculturalidade, reconhecendo que o mundo está interconectado.

Há uma frase bastante comum à hora de protestos a favor dos direitos dos migrantes ao redor do mundo e, em especial, nos Estados Unidos, que dá o tom a vários cartazes: *No human being is illegal* ou Nenhum ser humano é ilegal. Essa frase parte da acepção de que o planeta Terra é o lugar do terráqueo, sendo, portanto, este o seu natural ou autóctone. As fronteiras que nos cortam deveriam ser as mesmas que nos conectam. A emergência das migrações internacionais conclama soluções imediatas e integradoras e elas só são possíveis a partir da sua compreensão, do entendimento das diferentes realidades. Nesse sentido, o campo da Geografia escolar é área privilegiada na análise.

FIGURA 07. BRASILEIRAS E VENEZUELANAS GRAFITAM MURO EM RORAIMA. 2017.

Fonte: Organização das Nações Unidas – Brasil. Disponível em < https://brasil.un.org/pt-br/78631-venezuelanas-e-brasileiras-grafitam-muro-em-roraima-pelo-fim-da-violencia-de-genero> Acessado em 11 out 2022.

CONCLUSÃO

Melhor seria se a seção fosse chamada Para Não Concluir. Não se conclui um trabalho, se desiste dele. Não se encerram discussões, as arrefecem. Desde o primeiro momento em que se adentra a sala de aula no curso de Licenciatura, se aprende que a/o professora/professor é aquela(e) que está em formação constante. Da mesma forma, é aquele ser privilegiado que conviveu, em todas as etapas da sua vida, com seu ambiente de trabalho. Da escola saímos e para a escola voltamos. Mas há transformações, evidentemente.

Nenhum lugar impulsiona tanto as transformações como a sala de aula, a partir da prática, no contexto da formação profissional. Em primeiro lugar, ela exige maleabilidade, uma garganta afiada, idas e vindas que pretendem alcançar sua construção retangular, batidas no quadro. Em segundo lugar, é um convite desafiador naquilo que se refere à reflexão em torno do tema a ser abordado. Se o debate sobre as migrações internacionais é importante, como se buscou demonstrar neste trabalho, a forma como a comunicação é feita, é ainda mais relevante. Não há como se falar sobre o/um assunto, a partir da compreensão pessoal que se tem, há de se adaptar e selecionar aquilo que pode fazer mais sentido, buscando despertar um raciocínio geográfico que condense aspectos locais e globais, gerais e específicos, simples e complexos, que trate de mim, mas, sobretudo, desperte uma compreensão acerca do Outro. E tudo isso, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, comportando intencionalidades.

Não cabe a quem escreve julgar se as atividades propostas foram bem sucedidas ou, pelo menos nesse ponto, haverá omissão. Se bem sucedidas, levaram as/os estudantes a compreenderam, minimamente, o panorama contemporâneo migratório, a partir dos elementos e eventos apresentados e debatidos, pensando sobre migrantes e refugiados, sob suas especificidades, de forma humanizada e diversificada, abarcando anseios, medos, alegrias, sentimentos comuns. Se mal sucedidas, serviu mais para confundir, do que contribuiu para esclarecer, apresentou migrantes e refugiados como um só grupo, e um só grupo de coitados que precisam da caridade alheia para sobreviver. O mais provável, contudo, é que tenha servido à reflexão e despertado, de alguma maneira, para o tema algumas/alguns estudantes, enquanto outros passaram batido pela aula, nesse

sentido, “tanto faz, com tanto fez”. Como poderia avaliar o que pensam ou o que ficou, se não há acompanhamento das turmas? O que dizer da Estudante 1, 2, 3 ou 4, se o contato se limitou a 1h40min? O caráter pontual da experiência comporta possibilidades e, também, limites.

No entanto, para quem se propõe a encarar a sala de aula, mesmo que de maneira pontual, na condição de professora/professor, a experiência é cheia de sentidos e significados, se refere aos momentos prévios à aula, ao momento da experiência vivida e, também, à fase posterior de sua realização, não à toa a construção deste texto. Aparece, novamente, a ideia de maleabilidade, desta vez, como condição *sine qua non* para que se possa avaliar a proposta concretizada, isto é, lecionar. Tal prática comporta suas vicissitudes, assim como qualquer outra. Houve turmas mais participativas, debates mais acalorados, estudantes que traziam reflexões mais aprofundadas. Da mesma forma, em alguns momentos parecia que nem um auto-falante ajudaria, que a voz se perdia numa torre de babel, que podia se bater quinze vezes no quadro que não faria diferença.

A sala de aula é isso. É uma coleção de momentos e, todos eles, precisam ser mediados, coordenados, encarados. A condição de professora/professor é está. Quando se adentra a sala se assume um papel que é de protagonista e, também, de coadjuvante, porque não se fala para si, mas para os outros, então é fundamental que as ideias possam ganhar espaço, ressoem para além de quem as expressa. Nem toda torre de babel é ruim, há confusões sonoras que fazem e conferem sentido a prática docente e elas instigam uma continuidade da prática que é prazerosa (e é impressionante como pode ser prazerosa).

Nessas idas e vindas de ideias, vale dizer, caso não tenha ficado claro o suficiente, que, para quem se colocou enquanto desafio encarar a sala de aula de turmas do Ensino Médio, a avaliação da experiência é positiva e positivada pelos encontros que só a escola oferece.

Perante a temática abordada, destaca-se que o pensar migratório, enquanto conteúdo pedagógico-geográfico, adquire novos sentidos, a partir dos diálogos estabelecidos e inspira novas aulas, podendo se constituir como projeto futuro. Isto é, refletir, a partir da experiência docente, acerca dos conhecimentos prévios e de atividades propostas, a compreensão do alunato sobre o assunto. Este trabalho, ao mesmo tempo em que focou nos deslocamentos internacionais, despertou o

interesse em abordar as migrações internas, abarcando campo-cidade, cidade-campo, movimentos pendulares, migração e trabalho, migrações interregionais, dentre outras, com o alunato.

REFERÊNCIAS

ACNUR. ACNUR atualiza dados sobre pessoas refugiadas na Ucrânia para refletir movimentos recentes. **ACNUR Brasil**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/10/acnur-atualiza-dados-sobre-pessoas-refugiadas-na-ucrania-para-refletir-movimentos-recentes/> . Acessado em 01 out 2022.

_____ **Dados sobre refúgio no Brasil**. s/d. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/#:~:text=O%20projeto%20compilou%20e%20publicou,reconhecidas%20como%20refugiadas%20no%20pa%C3%ADs. Acessado em 10 jun 2022.

_____ **Refugiados**. s/d. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados. Acessado em 11 jun 2022.

AMÂNCIO, T. Guerra no Iêmen mata todo dia, mas quase não chama atenção. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/11/guerra-no-iemen-mata-todo-dia-mas-quase-nao-chama-a-atencao.shtml> . Acessado em 07 out 2022.

BBC NEWS BRASIL. Por que a guerra da Síria continua após 11 anos? **BBC News Brasil**, 15 mar 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56378202> Acessado em 08 out. 2022.

BBC NEWS MUNDO. Belarus: 8 pontos para entender crise com milhares de imigrantes em fronteira da União Europeia. **BBC News Mundo**, 13 nov. 2021. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59276098#:~:text=V%C3%ADdeos-,Belarus%3A%208%20pontos%20para%20entender%20crise%20com%20milhares%20de,em%20fronteira%20da%20Uni%C3%A3o%20Europeia&text=A%20crise%20migrat%C3%B3ria%20na%20fronteira,tentam%20entrar%20no%20territ%C3%B3rio%20polon%C3%AAs.>. Acessado em: 05 out 2022.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Demogeografia**: los grandes problemas de la población mundial. Barcelona: Editorial Labor, 1972.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acessado em 15 jun 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em: 24 ago 2022.

BRASIL. Lei n° 9.474, de 22 de julho de 1997. **Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília: Congresso Nacional**. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm>. Acessado em: 24 ago 2022.

CALIL, H. C. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

CAVALCANTI, L. S. Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos. *In*: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FEREIRA, J. A. S. (Org.) Formação, pesquisas e práticas docentes. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2013.

ENFAM. **Roteiro para orientar o Relato de Experiência**. 2016. Disponível em <https://www.enfam.jus.br/wp-content/uploads/2016/12/Orienta%C3%A7%C3%A3oEscritaTextoRelatoExperi%C3%AAncia.pdf> Acessado em 01 ago 2022.

ENGLER, P. et al. A migração para economias avançadas pode acelerar o crescimento. **Internacional Monetary Fund Blog**, 18 jun 2020. Disponível em: https://www.imf.org/pt/News/Articles/2020/06/19/blog-weo-chapter4-migration-to-advanced-economies-can-raise-growth#:~:text=Impacto%20econ%C3%B4mico,-Em%20nossa%20an%C3%A1lise&text=Constatamos%20que%20os%20imigrantes%20nas,a%20produ%C3%A7%C3%A3o%20em%20quase%201%25. Acessado em 20 ago 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. EUA terminam retirada e encerram ocupação de 20 anos do Afeganistão. **Folha de São Paulo**, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/eua-terminam-retirada-do-afeganistao-e-poem-fim-a-mais-longa-guerra-da-historia-americana.shtml> . Acessado em: 01 out 2022.

GALEANO, E. **Bocas do tempo**; trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&P, 2004.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

GEORGE, P. **Geografia da População**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GONZALEZ; E. N; BASTOS, M. I. Migração rural e i trabalho volante na agricultura brasileira. *In*: MOURA, H. (Org.) **Migração interna**: textos selecionados. BNT – ETENE: Fortaleza, 1980.

HAESBAERT, R. **O Mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 4 ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HANDERSON, J. Racismo. In: CAVALCANTI et al. (Org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017.

HARTMANN, A. C.; MARONN, T. G.; SANTOS, E. G.; 2019. A importância da aula expositiva dialogada no ensino de Ciência e Biologia. II Encontro de Debates sobre Trabalho e Currículo Integrado. Ijuí. v. 1 n.1. 2019. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/enteci/article/view/11554#:~:text=A%20aula%20expositiva%20dialogada%20%C3%A9,discutam%20o%20objeto%20de%20estudo.>. Acessado em 20 ago 2022.

LEE, E. S. Uma teoria sobre migração. *In*: MOURA, H. (Org.) **Migração interna**: textos selecionados. BNT – ETENE: Fortaleza, 1980.

MARANDOLA JR., E.; DAL GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, SP, vol. 27. n. 2. jul/dez, 2010. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010> Acessado em 12 jun. 2022.

MASSEY, D. *et al*. Theories of International Migration: a review and appraisal. **Population and development review**. v. 19, n. 3. set. 1993.

MICHAELIS. **Migração**. s/d. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/migracao. Acessado em 25 jun 2022.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de Relato de Experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, Out/Dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>. Acessado em 01 ago 2022.

OCI. 10 anos de Sudão do Sul: da independência à guerra civil. **Observatório de Crises Internacionais**, 2 ago 2021. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/oci/2021/08/02/10-anos-de-sudao-do-sul-da-independencia-a-guerra-civil/> . Acessado em 05 out 2022.

OIM. **Glossário sobre migrações**. Genebra: Editora Organização Internacional para as Migrações, 2009.

_____ **World Migration Report 2000**. International Organization for Migration, United Nations Publication, 2000. Disponível em: < https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2000_edited_0.pdf> . Acessado em 02 jul 2022.

_____ **World Migration Report 2022**. International Organization for Migration, United Nations Publication, 2022. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022> . Acessado em: 01 jul 2022.

ONU. Iêmen: milhões à beira da fome em 'maior crise humanitária do mundo'. **Nações Unidas Brasil**, 21 de set. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/145725-iemen-milhoes-beira-da-fome-em-maior-crise-humanitaria-do-mundo#:~:text=A%20crise%20no%20I%C3%AAmen%2C%20onde,maior%20crise%20humanit%C3%A1ria%20do%20mundo%22.> . Acessado em: 05 out 2022.

PORTAL G1, 2021. Sudão do Sul completa 10 anos de independência; história do país é marcada por guerras e crises devastadoras. **Portal G1**, 09 jul 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/09/sudao-do-sul-completa-10-anos-de-independencia-historia-do-pais-e-marcada-por-guerras-e-crises-devastadoras.ghtml> . Acessado em 01 out 2022.

PÓVOA NETO, H. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. **Revista Experimental**. São Paulo. n. 2. mar, 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. *In*: MOURA, H. (Org.) **Migração interna**: textos selecionados. BNT – ETENE: Fortaleza, 1980.

SAQUET, M. A.; MONDARDO, Marcos L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista Nera.** Presidente Prudente, SP, ano 11, n. 13. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1392/1374>. Acessado em 20 de jun. 2022.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. *In*: MOURA, H. (Org.) **Migração interna**: textos selecionados. BNT – ETENE: Fortaleza, 1980.

TODARO, Michael P. A migração da mão de obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos. *In*: MOURA, H. (Org.) **Migração interna**: textos selecionados. BNT – ETENE: Fortaleza, 1980.

UFJF. **Instrutivo para elaboração de Relato de Experiência** – Estágio em Nutrição em Saúde Coletiva, s/d. Disponível em <https://www.ufjf.br/nutricaogv/files/2016/03/Orienta%C3%A7%C3%B5es-Elabora%C3%A7%C3%A3o-de-Relato-de-Experi%C3%AAncia.pdf.> Acessado em 01 ago 2022.